REVISTA
PALETA
nº 7 - ano III - Junho 2023
AMIGOS DA PINACOTECA

AMIGOS DA PINACOTECA

Diretor Executivo
Iaperi Soares de Araújo

Diretor Administrativo Financeiro
Emanoel Ferreira

Diretor Técnico
Antônio Marques e Carvalho Júnior

Secretária Executiva
Maria Geruza Soares Câmara

Contador
Ramires Martins de Sousa

Editor da Revista Paleta
Alfredo Neves

Assesoria de Imprensa
Sérgio Lima

Conselho Fiscal
. Emanuel Ferreira do Nascimento
. Daniel Melo de Lima Martins
. Rosa Maria da Costa
. Felipe Fernando N. M. Nascimento
. Cláudio Marques Alves

Conselho Editorial
Isaura Amélia
Manoel Onofre Neto
Dione Caldas
Maria Geruza Soares Câmara
Vicente Vitoriano
Alex Gurgel
Adriano Caldas
Thiago Gonzaga
Cláudio Damasceno

Diagramação
Edilson Martins

*O conteúdo dos textos é de inteira responsabilidade dos autores

Sumário

Editorial: 03
Entre ratos, homens e críticos....04
O Silêncio dos Inocentes de Jonathan Demme (EUA, 1991)....06
Não espere nada do amanhã: novo romance de Edson Soares....08
José Estelo e sua festa de cores....10
Maria do Santíssimo quando a arte é imanência....12
Avelino Pinheiro um artista eclético....14
A gênese do sobrenome Galvão Lenda, tradição e história!....17
Coldplay, Yellow e Viva la Vida uma leitura para você....20
A paixão segundo Rilke Parte 2....27
Notas para a história das artes plásticas do Rio Grande do Norte - I - Moura Rabello....30
Estação primavera....36
A busca de um método universal para encontrar a verdade. O discurso do método
A Memória e o Têxtil Relatos dos Fios das Minhas Memórias
Jequitinhonhesas em Bordados....38
Océ Ano exposição atende ao chamado da ONU para despertar consciência em torno da preservação e consumo consciente da água....42
Trocando saberes....46
Carmézia Emiliano, nas histórias das artes visuais brasileiras....48
Religando saberes Prátricas da educação no turismo....52
A Nova Fotografia Potiguar....54
Isaura Rosado toma Posse na Academia Norte-rio-Grandense de Letras....56
A estética na arte popular a arte bruta....58
NAVEGANTES Espaço Literário....61
O Pavão Misterioso no Festival Internacional de Arte Naif de Guarabira: o RN premiado....64

SOBRE A ARTISTA DA CAPA

Denise Braga Estanislau Figueira, escolheu Natal para viver e morrer. Nascida em Brasília/DF, chegou em Natal em 1984 e se apaixonou pela cidade que viu crescer. Graduada em Letras, Direito e neta do pintor cearense, Sá Braga, trouxe no DNA o gosto pelas artes e pela pintura. Começou com o realismo, aprendido com seu professor Josué Flor. Descobriu no abstrato a sua maior paixão. Seu último trabalho está nesta releitura com a série ROSTOS. Suas telas estão espalhadas pelo Brasil...

SÉRIE ROSTOS

Óleo sobre tela, "Rostela", 1,20 x 0,80 x 0,4cm

Óleo sobre tela, "Rostoso", 1,50m x 1,50 x 0,4cm

Editorial

Já estamos no mês de junho, e lá se vão seis meses e sete edições da Revista Paleta. Tudo começou com o lançamento em 2021 com "O Festival Cores do Interior" e o "6º Salão Dorian Gray." Eventos estes magnos para as artes e os artistas plásticos do Rio Grande do Norte.

A princípio, mesmo pela experiência de já haver publicado jornais impressos como O Litoral, A Centelha e a Revista Kukukaya, essa última de forma virtual, vi que me foi oferecido uma tarefa hercúlea e ao mesmo tempo gratificante, porque naquele momento o ponto de partida seria o catálogo de duas grandes exposições convertidas em revista impressa. No entanto, com o envolvimento de articulistas colaboradores, e do apoio incondicional da direção dos Amigos da Pinacoteca Potiguar, as edições seguintes se tornaram possíveis e merecedoras dos elogios do público das artes, de interessados pelas temáticas abordadas e de curiosos em conhecerem este mundo tão belo e ao mesmo tempo desafiador.

A capa e a contracapa desta edição trazem dois belos quadros em óleo sobre tela, da série Rostos, da artista plástica Denise Braga, onde ao lado os leitores podem conhecer mais um pouco da pintora e as informações sobre a sua obra. A cada duas edições de forma alternada ilustramos a nossa capa com pintores, pintoras ou escultures, para oportunizar aos internautas leitores da revista conhecer mais um pouco os nossos brilhantes artistas e as suas obras maravilhosas.

A arte causa na gente este sabor de sempre querermos visualizar essas intrépidas belezas realizadas com muitos esforços e ao mesmo tempo satisfação por parte dos seus artistas. No miolo da Paleta o leitor poderá se abeberar sempre um pouco desse mundo esplendoroso, tanto em imagens como em textos magníficos.

Boa leitura e até a próxima edição.

Alfredo Neves

Entre ratos, homens e críticos

Oscar D'Ambrosio

@oscardambrosioinsta)

Pós-Doutor e Doutor em Educação, Arte e História da Cultura, Mestre em Artes Visuais, jornalista, crítico de arte e curador

Discutir a crítica de arte hoje constitui um desafio, já que nem o público, nem os artistas nem os próprios críticos acreditam que ela exista de fato no Brasil contemporâneo. Para desenvolver essa ideia, vamos nos valer de três auxílios: o filme Ratatouille (2007), de Brad Bird, a experiência do premiado violinista norte-americano Joshua Bell tocando incógnito no metrô de Washington, DC, EUA, e dez caminhos para o crítico do século XXI.

No filme Ratatouille, o protagonista é um rato que, com um olfato privilegiado, sonha em ser um chefe de cozinha. Quem rouba a cena, no entanto, não é o simpático protagonista, mas o personagem Anton Ego, um rigoroso crítico de gastronomia. Seu sobrenome já mostra a sua personalidade. Ensimesmado, repleto de caras e bocas, degusta criticamente os mais variados pratos. Temido por todos, só consegue rever seus rígidos conceitos e valores ao experimentar uma receita de um prato camponês, o ratatouille, desenvolvido pelo rato – cozinheiro. Ao sentir aquele sabor, retorna à infância e encontra na simplicidade uma forma de repensar a sua atitude perante a vida, o que inclui a recuperação da capacidade de rir.

Esse mesmo atributo de rir de si mesmo foi desenvolvido pelo violinista Joshua Bell, um dos maiores do mundo. Ele participou, dia 12 de janeiro de 2007, de uma experiência idealizada pelo jornal Washington Post. Usando boné, calça jeans e camiseta, tocou, durante 43 minutos, um repertório que incluía Bach, entre outros compositores. Das 1.097 pessoas que passaram à frente dele, apenas 27 deixaram dinheiro, num total de US$ 32,00, absurdamente abaixo do cachê dele, cerca de US$ 1 mil por minuto de apresentação.

Se as pessoas soubessem que aquele músico era famoso provavelmente parariam para olhar e, se ele estivesse sendo fotografado ou filmado por câmeras de televisão, certamente lhe dariam mais atenção. Em síntese, o público é cada vez mais levado pelas aparências, pelo rótulo que lê e ouve na mídia, e menos pela sua sensibilidade, pelo que, de fato, ouviu, leu ou escutou.

Porém, se um crítico de alguma instituição reconhecida, dá legitimidade a uma obra de arte, ela geralmente começa a ser aclamada por todos, que macaqueiam as palavras da "voz oficial" detentora do poder que a crítica institucionalizada, principalmente a oriunda das universidades, hoje representa. A voz do crítico, assim, se torna maior do que o ouvido ou a visão do observador.

MÚSICA - MARIA TEREZA

Nesse contexto, sugiro pensar o crítico de arte na seguinte perspectiva:

1. Abolir a divisão entre arte e ciência – Ao contrário do nosso mundo marcado por especialistas em especialidades, é desejável, como ocorria no Renascimento, a busca do saber nas mais variadas áreas, não havendo sentido na divisão entre arte e ciência.

2. Acreditar no poder do homem – Ao contrário do homem medieval, que idolatrava Deus, e do tecnológico, que acredita na técnica em si mesma, é essencial valorizar o poder humano de criar, conservar e destruir o mundo e o que nele existe.

3. Tratar a arte como sopro de vida – Além da técnica, ou seja, do saber fazer, o artista a ser valorizado precisa ter vida. Isso significa estar além do virtuosismo, aliando a alma ao talento.

4. Ter contato com os mestres – Seguir um mestre, tanto para o crítico como para o artista, não é sinônimo de perda de liberdade, mas de constituição de uma base sólida para poder voar sozinho.

5. Respeitar quem trabalha por encomenda – O crítico não deve rejeitar em princípio o artista que aceita trabalhar para o mercado. Aceitá-las constitui uma forma de sobrevivência, desde que feita com honestidade intelectual e competência.

6. Planejar é tão importante quanto fazer – Torna-se fundamental acompanhar o trabalho no ateliê do artista. É ali que estão os muitos estudos e esboços – mentais ou concretos –, memórias dos trabalhos passados e matrizes dos presentes e futuros.

7. Observar os cadernos de anotações – Para conhecer um artista, uma das melhores pistas é justamente o caderno de anotações e os desenhos. Lá está a alma que fala e o gesto que comunica uma essência perante a arte e a vida.

8. Devotar-se ao detalhe – O notório saber é deixado de lado em função da mesmice decorada com títulos e quantificações de produção sem uma avaliação qualitativa adequada, que exige devoção à observação plástica dos detalhes.

9. Amar a invenção – Lembrar que o artista digno desse nome mantém viva a capacidade de estar sempre em mutação, combatendo a acomodação, principalmente quando a escola mais formata indivíduos do que os prepara para a vida.

O VIOLINISTA - MARCIO BRACALI

10. Criatividade acima de tudo – Cabe ao crítico perceber o artista enquanto ele não é célebre. Isso exige a humildade de saber reconhecer o grande talento enquanto ainda ele é aparentemente pequeno.

O que é necessário são críticos humanos, capazes de ver na arte uma forma de transcender o cotidiano, não no sentido místico – ou talvez inclusive nele –, mas principalmente no estético e, acima de tudo, existencial. Isso exige humildade, atitude cada vez mais rara no mundo, inclusive – e principalmente – o da crítica.

Angelo Girotto
Jornalista e doutor em Ciências Sociais

O Silêncio dos Inocentes

de Jonathan Demme (EUA, 1991)

Diretor: Jonathan Demme
Com: Jodie Foster, Anthony Hopkins, Scott Glenn, Ted Levine e Anthony Heald

O crítico Roger Ebert escreveu que grande parte do sucesso de O Silêncio dos Inocentes se deve à relação construída entre os personagens de Jodie Foster, Clarice Starling, e de Anthony Hopkins, o lendário Dr. Hannibal Lecter.

Ebert chama a atenção para o fato de que passamos a gostar de Lecter ao longo do filme, ou ao menos temos alguma simpatia por ele. Isso porque vemos a história pelos olhos de Clarice, por quem Lecter demonstra sincero interesse e ao que parece até mesmo afeto.

O Silêncio dos Inocentes foi dirigido dirigido por Jonathan Demme e lançado em 1991. Sua trama gira em torno da personagem principal, Clarice Starling, que é uma agente do FBI em treinamento. Ela é enviada para entrevistar um serial killer chamado Dr. Hannibal Lecter, para obter informações sobre outro assassino em série, Buffalo Bill.

A química entre Foster e Hopkins é forte e mantém o espectador ansioso pela próxima cena

Você fica vidrado desde o início, com cenas tensas e um ritmo rápido que prende a atenção. A química entre Foster e Hopkins é forte e mantém o espectador ansioso pela próxima cena. Além disso, a direção de Demme é impecável. Ele acerta sobretudo ao evitar evitar o erros mais comuns do gênero, sobretudo o excesso.

O desempenho dos atores é excepcional. Não à toa Hopkins se tornou mundialmente conhecido por seu papel como Hannibal Lecter. Sua performance é assustadora e brilhante, e sua química com Foster é uma delícia à parte.

Trata-se de mais que uma obra-prima do gênero e um dos melhores filmes já feitos. É um padrão que se estabeleceu no suspense, a partir do qual se mede a qualidade dos filmes que o sucederam.

Não espere nada do amanhã:
novo romance de Edson Soares

Thiago Gonzaga

Doutorando em Literatura Comparada (UFRN), mestre em estudos da linguagem (UFRN) e especialista em literatura e cultura do RN (UFRN).

O escritor Edson Soares publicou recentemente seu mais novo livro, *Não Espere Nada do Amanhã* (Natal: Editora Ideart). Numa super edição de luxo, com capa dura, Edson Soares traz para os leitores um romance de fôlego. São quase oitocentas páginas numa narrativa policial que envolve suspense, drama, além de doses de erotismo e humor. Lemos os primeiros capítulos e a nossa sensação é que a história fisga o leitor desde as primeiras páginas, nos absorvendo como num filme de Hitchcock.

Sobre Edson Soares transcrevemos a seguir, um trecho de um ensaio que fizemos a propósito de outro romance de sua autoria, *Temporada de Sangue*.

Escritor, cineasta, roteirista, editor e produtor cultural, Edson Soares nasceu na pequena cidade seridoense de Serra Negra do Norte (RN), começou a sua carreira bem jovem na cidade de Caicó, como locutor e repórter policial da *Rádio Seridó*. Vindo para Natal, trabalhou como repórter e redator de programas na *TV Ponta Negra*, além de escrever crônicas e artigos em jornais do Estado. Aqui abrimos parênteses para dizer que a imagem do Edson Soares como repórter de TV é ainda muito viva em nossa mente, pois quando adolescente, víamos o jovem repórter aparecer comandando as mais diversas matérias, inclusive em programas de rede nacional, como *Aqui Agora e Programa do Ratinho* (SBT).

Edson Soares também foi diretor da *TV Câmara* de Natal e exerceu as funções de Vice-Presidente da *Funcarte* e da *Fundação José Augusto*. Numa tempo-

rada em Mossoró, na década de 1990, ele esteve à frente da editoria do tradicional jornal *O Mossoroense*. Há algum tempo tem se dedicado a diversos projetos para literatura e também ao audiovisual. Muito ativo, participou de editais e concursos, e fez inúmeros trabalhos nestas áreas, inclusive antes da pandemia, conseguiu viabilizar o longa metragem *Nova Amsterdã* e também a minissérie denominada *Omicron*. Alguns trabalhos de sua autoria podem ser encontrados no *You Tube*, como, por exemplo, o curta *Caldeirão do Diabo*.

As duas produções citadas tiveram recursos financiados pelo Fundo Setorial Audiovisual. Segundo Edson Soares, aproximadamente, R$ 1,5 milhão foi investido nesses empreendimentos culturais.

Na área literária, Edson Soares também vem obtendo êxito já há algum tempo.

São vários livros de sua autoria até o momento: *Temporada de sangue* (romance, 2015), *Confissões do sefardita errante* (romance, 2016), *Nova Amsterdam* (roteiro cinematográfico, 2016), *Os últimos passos do enforcado* (2017), inspirado na história do enforcamento de um escravo, ocorrido em Natal, e descrito numa crônica de Câmara Cascudo. O livro foi publicado pela Cja Edições, na versão impressa.

Temporada de sangue, o primeiro romance escrito por ele, foi selecionado pelo FIC-2014. Já *Confissões do sefardita* errante foi premiado pelo Ministério da Cultura, em 2014, através da Bolsa de Fomento à Literatura, ficando em primeiro lugar na categoria “Criação Literária” na região Nordeste. Concorreu com mais de 200 outros romances. E em 2003, quando ainda tinha outro título e não estava acabado, *Confissões* recebeu uma menção honrosa do júri do "Prêmio Câmara Cascudo” da Funcarte.

Com suas narrativas de grande apelo, junto ao público leitor, o escritor obteve vários outros prêmios e menções honrosas em concursos literários, inclusive em 2017, ficou entre os finalistas do *Prêmio Kindle de Literatura*, com projeção nacional. Edson Soares tem publicado diversos livros de ficção, pela *Amazon*, como por exemplo, *Seu amor não vale um beijo de Judas*, dentre outros.

Como editor, foi responsável por reunir o depoimento de Miriam de Souza, viúva do radialista e político potiguar Carlos Alberto de Souza, para o livro *Amor Sem Limites – Minha Vida com Carlos Alberto*, (Editora Perse, 2017). Outra curiosidade sobre esse polivalente artista: gravou um CD, bastante instigante, com músicas autorais, denominado *Utopia*, em 1999.

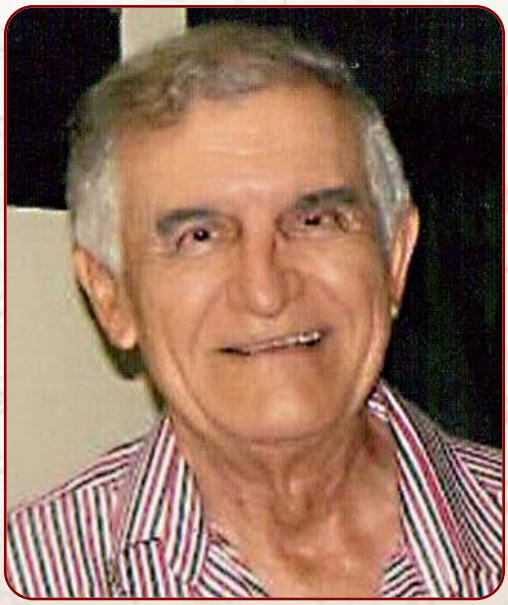
Mais recentemente o romance T*emporada de Sangue* foi reeditado pela Editora Idearte. Como já dissemos, o livro teve a primeira edição, de 2014, com recursos do FIC, em um projeto captado pelo escritor e cineasta Rui Lopes. Evidentemente, depois de alguns anos Edson Soares resolveu revisar tal edição, que ficou atualizada e sofreu novos acréscimos, criando pontes com seus outros romances.

Nos impressiona a capacidade de Edson Soares em criar narrativas muitas vezes complexas, em romances longos, criando toda uma ambientação social e psicológica que fundamenta e configura o universo mimético vivido pelas personagens.

Na ficção de Edson Soares, em sua maior parte romances, ele nos apresenta narrativas com fatos criados ou relacionados a personagens. Essas personagens vivem diferentes conflitos ou situações dramáticas, numa sequência de tempo relativamente ampla. As narrativas nos fazem lembrar da teoria de Antonio Candido, quando afirma que a literatura se manifesta universalmente, ao longo dos anos e através dos homens, e tem uma função, um papel humanizador.

A literatura de Edson Soares humaniza porque nos faz vivenciar diferentes realidades e situações. A humanização, de acordo com Antonio Candido, seria o processo que confirma no homem aqueles traços que consideramos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura, enfim, desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.

José Estelo
e sua festa de cores



Manoel Onofre Jr

Desembargador aposentado
e escritor

José Estelo, pintor naif, desperta-nos interesse pela autenticidade de sua arte de autodidata. Ele mora em Laranjeiras dos Cosme, povoado – duas fileiras de casas paupérrimas, com uma capelinha de brinquedo no meio – a seis kms de São José de Mipibu, RN.

Quando eu me aproximava do lugarejo, com o fim de visitar o artista, parei o carro frente a uma casinha de beira de estrada, procurando inteirar-me do local de sua residência. Ali ninguém o conhecia. Uma desconfiada matrona disse-me que o único pintor do seu conhecimento achava-se, então em São José, caiando uma casa. Logo deduzi: pintar, como atividade artística, é

coisa que nunca passou pela cabeça de qualquer morador de Laranjeiras, menos Estelo.

Num meio assim, inocentemente hostil é comovente o surgimento deste artista nato.

Estelo pinta somente casas, sobrados, igrejas. Paisagens sem figuras. Interessante como ele se mantém fiel e esta temática.

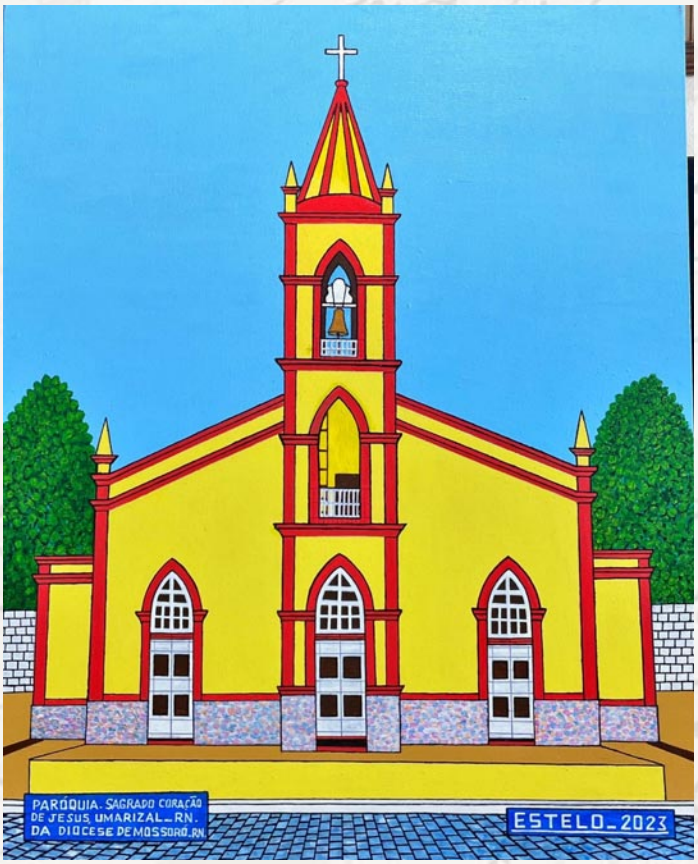
Entre parênteses, uma observação: não é novidade, na Pintura Contemporânea, essa fixação em motivos arquitetônicos. No Brasil, por exemplo destaca-se o mestre Volpi, com suas estilizações de fachadas. Há outros nomes famosos (cito-os de memória), como José Paulo Moreira da Fonseca, captador da poesia dos portões antigos; Guignard, o transfigurador de Ouro Preto; e, em Natal, Dorian Gray de certa fase. Todos estes, pintores cultos, refinados, donos de uma técnica, senhores de sofisticados artifícios. (O próprio Guignard, sim).

José Estelo, porém, é ingênuo e, como tal, o primeiro – parece-me – com aquela constante temática ligada à arquitetura.

Como todo ingênuo verdadeiro, ele pretende retratar realisticamente o que vê, "fotografar" as coisas, porém falha neste intento, e é isto, justamente, o que o salva. Da não realização acadêmica resultam efeitos inesperados, muito felizes. Ou seja: acontece a celebrada graça ingênua.

Ele tem sua técnica rudimentar, afirmada instintivamente. Exemplos: o traço fino e negro de contorno das imagens; a mistura de cores, com vistas a determinados efeitos (sombra, superfícies sujas, etc.); o uso especial do pincel sobre tinta grossa, de modo a sugerir, em relevo, grama ou capim. E etc.

Estelo usa cores vivas e variadas, distribuindo-as com apurado senso. Daí uma pintura alegre, altamente decorativa. Para muitos, que enxergam, antes de mais nada, a miséria dos casebres-temas, isto é um mal. Eu não entendo assim. Desde que essa festa de cores se revele com autenticidade, não vejo por que condená-la. Detestável, sim, é a boniteza super-colorida de ingênuos estudados. Mas Stelo, como já disse e repito é autêntico.



Maria do Santíssimo

quando a arte é imanência

Márcio de Lima Dantas

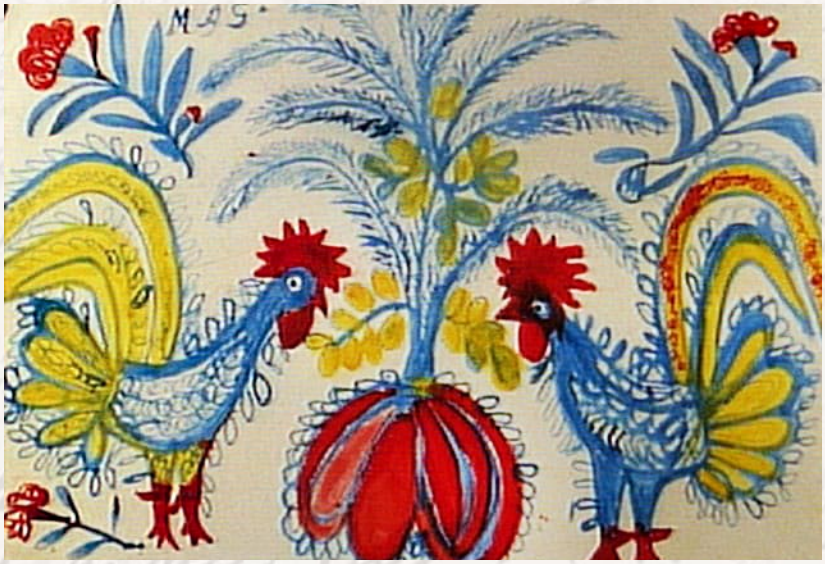
Professor de Literatura Portuguesa da UFRN

Se alguém fosse escrever uma história das artes plásticas no Estado do Rio grande do Norte teria que obrigatoriamente dar o seu a seu dono, ou seja, outorgar o real valor ocupado por Maria do Santíssimo. Em matéria de arte há que se buscar categorias que são da disciplina conhecida como Antropologia do Imaginário. Assim sendo, a pintora de São Vicente teria que ocupar o lugar que lhe compete, uma vez que uma honesta e não adulatória análise da sua profícua e bela obra sugere passar por categorias daquele domínio do conhecimento. Com efeito, Maria do Santíssimo teria que ser considerada como nossa mais importante artista plástica. Por quê? Porque sua obra emana de uma necessidade individual e coletiva de expressão, uma imanência que por finda a força teria que se plasmar ante qualquer empecilho ou vicissitude.

Um filósofo de tradição aristotélica talvez dissesse que as pinturas aparentemente ingênuas de Maria do Santíssimo resultam de uma energia social buscando de qualquer maneira ser dínames, signo que advém das regiões pelágicas da mente e não pede permissão a quem quer que seja para plasmar-se em forma de arte.

Do ponto de vista da composição, constatamos uma pintora com pleno domínio do espaço a ser ocupado por elementos tais como burros, capelas, guirlandas de flores e diversas espécies de rosas, cravos, cravinas, dedais-de-ouro, ramagens, como melindres ou ervilhas-de-cheiro. Sim, há inconscientemente uma noção do horror vacui tão caro ao barroco enquanto

estilo histórico, quer dizer, todo o espaço da tela deve ser ocupado. Não parece ser à toa que sua pintura tinha um caráter funcional, servia para forrar baús e malas de madeira. Podemos cotejar, sem margem de erro, a pintura de Maria do Santíssimo com a imagética barroca da pintora portuguesa Josefa de Óbidos, cujos quadros se regem por uma lógica ornamental, decorativa, mesmo a sua pintura sacra não foge a esse raciocínio. Com efeito, há uma forte presença do Barroco na obra de Maria do Santíssimo.



Maria do Santíssimo não tinha consciência do que fazia, tampouco da qualidade da sua obra, nem por isso deixa de ser, talvez, tendo em vista um caráter, como aludimos, antropológico, seja nossa mais importante artista plástica. Não

à toa a atenção que despertou em críticos eruditos e rigorosos como Walmir Ayala Roberto Pontual, que veio conhecê-la pessoalmente.

Com certeza, como boa sertaneja, deve ter franzido muito os olhos quando diante de diletantes ou críticos de arte, o seu interlocutor ao nomear às suas cartolinas pintadas com pincel de talo de folha de coqueiro e usando anilina para colorir os utilitários forros de baús que o esposo vendia anonimamente nas feiras sertão a dentro, insistia em rubricá-la com uma nomenclatura e ela outorgada.

Se Dorian Gray é o nosso maior artista plástico, em quantidade e qualidade, Newton Navarro ocupa o lugar de uma importância cimeira na história da evolução de formas no nosso circuito das artes, a saber, foi quem mais contribuiu para que chegássemos a grandes artistas como Vicente Vitoriano e Ítalo Trindade (separando, com puro efeito didático, a linha e os ângulos curvos, dionisíacos, nervosos, de Vitoriano, está para Dorian, como os ângulos retos e abstratos de Trindade está para Navarro)

Nesse sentido, a obra de Newton Navarro é superior a de Dorian Gray, o que este fez foi consolidar o que aquele houvera apontado como vanguarda e horizonte, onde as nossas artes plásticas estariam em sintonia com o espírito da época.

Por fim, gostaria de lembrar a importância deste livro: um resgate requintado, fiel e honesto de reconhecimento àquela que é o mito fundante, matriz e nutriz, de nossa tradição naïf Maria do Santíssimo. Já era tempo de termos uma obra que vulgariza e democratiza a biografia e faz conhecer a opulência barroca das obras dessa singular mulher eivada de ethos sertanejo.

Alfredo Neves

Artista plástico, editor da Revista Paleta, poeta e vice-presidente da Academia Macauense de Letras e Artes.

Avelino Pinheiro

um artista eclético

Francisco Avelino Pinheiro, de nome artístico Avelino Pinheiro. Nasceu em Natal-RN no dia 03 de outubro de 1967. Filho de Francisco Adriel Pinheiro e Ivanilda Porpino Pinheiro. Segundo Avelino Pinheiro de forma prodigiosa ele começou os trabalhos artísticos com os desenhos aos 12 anos de idade, e a sua primeira tela veio aos 18 anos. Ao ser perguntado se ele teve a influência de algum artista ele diz que uma das mais importantes foi a de Getúlio Moura Xavier, amigo de trabalho que conheceu quando trabalhava numa empresa terceirizada no Polo Industrial de Guamaré. Desse encontro adquiriu gosto e a inspiração também pela pintura surrealista. Na ocasião o seu primeiro trabalho foi um barco.

Avelino Pinheiro pratica em suas pinturas uma diversidade de estilos, que vão desde o figurativismo, Naïf, Cubismo, Fotografia, Regionalismo e Surrealismo. Há muitos séculos que os artistas têm acompanhado as novidades do seu tempo e que vão além dele, quando

80 x 60 - 2019 - ACRÍLICO

ÓLEO ABSTRATO GEOMÉTRICO - 1.20M x 80CM

ACRÍLICO - 40 x 60 - 2018

muito, alguns subvertem essa ordem, fazendo surgir coisas novas, impactantes e de transformações significativas para o mundo das artes. Em vários momentos permeei temáticas envolvendo as divisões da pintura desde outrora até as fases de virada de eixo da Europa para a América do Norte e da influência importante do Modernismo Brasileiro para a pintura mundial e principalmente às américas. Desde 1922, transitando pela década de 60 e nos dias atuais, a arte cada vez mais surpreende a todos, causando debates acalorados e carregados de devaneios aos interessados pela temática.

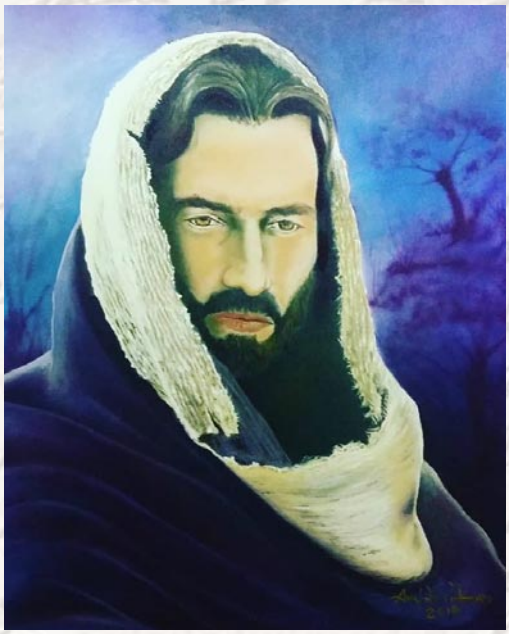
Dos seus vários estilos e movimentos, gostaria de destacar um pouco sobre o Regionalismo, e iniciaria rebuscando alguns conceitos lá na América do Norte, quando da chegada do Expressionismo Abstrato na sociedade americana durante e um pouco depois da II Grande Guerra Mundial. Não que o Regionalismo seja de importância para a arte a partir do ocorrido na América do Tio Sam, mas que de certa forma o termo pressupõe a defesa necessária dos bem materiais e imateriais de uma determinada região, que vão desde os trajes, a arquitetura, os cantares, falares, a agregação do romantismo ao cotidiano social e até mesmo os interesses políticos regionais que valorizem os ideais sonhados pelas forças políticas, e, notadamente, para as artes plásticas. Na América havia a necessidade de propagação em murais, telas, ilustrações que pudessem mostrar um estado harmonioso, em evolução econômica, com um cotidiano construtor de uma América que saia da Grande Depressão econômica de 1930 e que precisava se ajustar a uma era de equilíbrio e felicidade. O mundo preconizado pelos artistas precisava sair em defesa da expressão necessária para encantar toda uma nação e equilibrá-la social e economicamente O Regionalismo teve várias derivações etnológicas, e dentre elas usava-se termos como Realismo Social ou Realismo Urbano. As cenas urbanas são o fim do trágico, o nascimento de um novo e a destruição do caos que se abatera não só sobre aquele país, mas também no mundo inteiro. Os pintores de maiores destaques do Realismo Americano foram Grant Wood (1891 – 1942) e Edward Hopper (1882 – 1967). O rompimento e o surgimento de um novo movimento, em contraposição ao Regionalismo, só se tornou possível com a origem do Expressionismo Abstrato a partir de 1942.

No Brasil não se foge a essa regra, tanto do ponto de vista da literatura como das artes, os regionalistas brasileiros também internalizaram e ainda valorizam até os dias atuais as expressões locais. Poetas e literatos como Drummond de Andrade (1902 – 1987), Manuel Bandeira (1886- 1968), José de Alencar (1829 – 1877), podem ser considerados como escritores do cotidiano urbano e da defesa dos costumes e das lendas regionalistas. No mundo das artes plásticas, destaco: Almeida Júnior (1850 – 1899), Cícero Dias (1907 – 2003), Aldo Bonadei (1906 – 1974) e Alfredo Volpi (1896 – 1988). No Rio Grande do Norte podemos citar Newton Navarro (1928 – 1992), Dorian Gray Caldas (1930 – 2017), Carlos Soares (1957 – 2020) e Iaperi Araújo (1946 -), só para citar alguns. A Arte de Avelino Pinheiro, em meio a tantas telas excepcionais, fez com que eu observasse nelas esses traços da defesa incontestável dos nossos saudosos e ricos costumes que divulgam a nossa regionalidade.

Avelino Pinheiro teve a sua primeira coletiva no Salão Paroquial do Bairro Cidade da Esperança; participou ainda do I Salão de Artes no Sesc Newton Navarro; e no decorrer dos tempos em mais de 12 salões de artes plásticas, recebendo prêmios em mais de 27 coletivas e em torno de 18 salões individuais. Ao identificar em suas pinturas a presença de uma arte que propaga a representatividade regionalista dentro de diversas escolas, tais como no cubismo, no impressionismo, retratos, expressionismo, pop art e abstrato, vejo em Avelino um artista completo e bastante técnico, bem como detentor de um profissionalismo respeitável. Em suas telas estão inspirações da vida cotidiana, pessoas do seu círculo pessoal, artes históricas e cenários marcantes da cidade, seja da atualidade ou do passado, diversos retratos, artes sacras e temas imaginários.

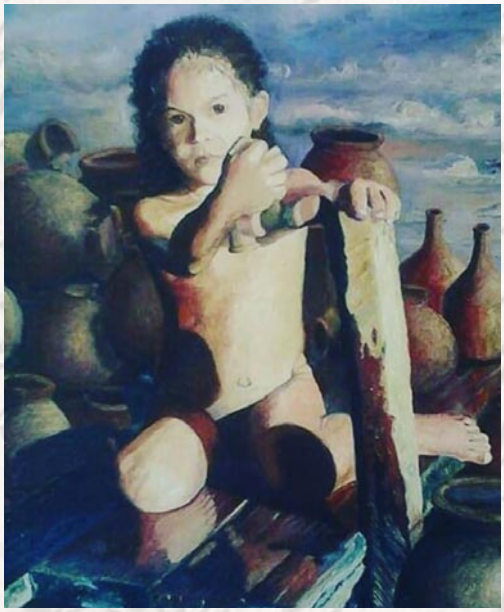
De diversas das suas telas elenco as seguintes: “Na Roda da Ginga”, 68x54 cm Óleo sobre tela; “Brincando na Salina”, 45x35 cm Acrílica sobre tela; “Homenagem a Carlinhos Zens”, 75x40cm Acrílica Sobre Tela; “Banda do Siri”, 90x60cm Acrílica Sobre tela; “Falésias” 50x35 óleo Sobre Tela, Téc. Espatulada; “Praia de Areia Preta” 80x60 cm Óleo Sobre Tela; “Samba de Mesa”, 75x55cm Óleo Sobre tela e tantas outros produzidos com nanquim, acrílica e óleo sobre tela, látex, tintas comerciais, alumínio, areia, madeira, etc.

Avelino Pinheiro é mais um artista plástico que recomendo aos amantes das artes e aos interessados nos estudos sobre arte em nosso estado.



AEROGRAFIA - 2019

RETRATO - 40 x 60 - 2020



ÓLEO ÚMIDO SOBRE UMIDO - 45 x 60 - 1997

A gênese do sobrenome Galvão

Lenda, tradição e história!

Francisco Galvão

Sociólogo e Professor de História
Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

Segundo a tradição genealógica, que tomou basea em indícios mitológicos, o uso do sobrenome Galvão teria sido iniado com Sir Gawaine, filho primogênito do último rei Lot de Orkney, um agrupamento de ilhas ao norte da Escócia. Para a maioria dos historiadores seria apenas uma lenda, mas para a genealogia tradicional ele figurou como o primeiro a usar o sobrenome Galvão em sua forma original da línha bretã. É possível que Lot tenha sido inspirado no personagem histórico verídico, Leudonus, que comandou o fortim de Traprain Law.

O Lot lendário reivindicou o Reino da Noruega, pois se dizia herdeiro, como sobrinho do antigo rei Sichelm, e, com a ajuda do rei Artur, recuperou o reino do usurpador Riculf. O pai de Lot, Hector, casou com uma sobrinha do rei de Norgules (Norgalles) e afirmava ser da mesma linhagem de José de Arimateia, "homem bom e justo" que não votou a favor da condenação de Jesus e, juntamente com Nicodemos, providenciou a retirada do corpo de Cristo da cruz.

Depois da morte de Lot, Gawaine ofereceu as ilhas ao rei Artur e recebeu título de Duque. A águia negra de Orkney, símbolo da família, ganhou mais uma cabeça, que representaria a visão dos dois reinos unificados: Orkney e Bretanha. Historicamente falando, é possível dizer que essa narrativa se encaixa nos episódios das lutas contra as invasões dos anglo-saxões, que ocorreram no contexto do enfraquecimento e fim do Imperio Romano. As bases históricas dessa tradição têm sido debatidas pela corrente dos Annales Cambriae (Anais de Gales), que vê Artur como uma figura

histórica genuína, um líder bretão-romano que lutou contra os invasores no período no final do século V e início do século VI.

Nessa época, Artur negociou o apoio dos guerreiros em troca de proteção contra os ataques externos, sendo o fator de união entre os pequenos reinos que surgiam. A adesão de Gawaine e seus irmãos a Artur refletem esses laços políticos e dá coesão para indicar veracidade aos acontecimentos, muito embora se saiba que podem conter alguns excessos. As lendas medievais do ciclo arturiano citam Gawaine como sendo sobrinho do rei Artur e que havia lutado com este contra os anglo-saxões, como é o caso de uma crônica de 1125, escrita por Guilherme de Malmesbury. Alguns estudos apontam que as origens desse personagem estariam relacionadas a um guerreiro da corte do rei Artur, chamado Gwalchmei. Entre os cavaleiros da Távola Redonda está o nome de Gawaine, seus irmãos e seus filhos.

Na obra História dos Reis da Bretanha, de Godofredo de Monmouth, Gawaine é apresentado como sendo o filho do rei Lot de Orkney. Os romances medievais posteriores colocam a rainha Morgana, que era meia-irmã do rei Artur, como sua mãe. Seus irmãos seriam Argwaine, Gaheris, Gareth e Mordred.

Na famosa história medieval, Dom Galvão e o Cavaleiro Verde (Sir Gawaine and the Green Knight), o herói passa pela aventura de enfrentar o Cavaleiro Verde, que lançou um desafio durante a celebração do ano novo: alguém lhe daria um golpe de machado e ele devolveria um ano depois. Galvão aceitou o desafio e cortou a cabeça do gigante, que a apanhou e se evadiu. Um ano depois, o herói parte em na longa viagem para encontrar a misteriosa Capela Verde. No caminho encontrou sir Bertilak de Hautdesert e sua bela esposa, que avisam que o dito templo estaria bem próximo. Recebendo em seu castelo, Bertilak propõe um trato: daria tudo que conseguisse caçar, contanto que Galvão, em troca, lhe desse tudo aquilo que conseguisse enquanto ele estivesse fora.

Após sair, a esposa de Bertilak vai onde estava Galvão para seduzi-lo, mas ele resiste, concedendo-lhe apenas um beijo. Ao voltar da caçada, Bertilak o presenteou com cervo que caçou e Galvão lhe deu um beijo em troca. No dia seguinte a dama tenta seduzir Galvão e ele novamente a rechaça. Quando o dono do castelo voltou, lhe trouxe um javali e recebeu dois beijos. A dama tenta mais uma vez seduzir Galvão ao terceiro dia, mas percebendo que não venceria o herói pelo desejo, lhe entregou uma cinta de seda verde, para que ficasse protegido do perigo que enfrentaria, depois lhe deu três beijos. À noite, Bertilak deu a Galvão uma raposa e recebeu os três beijos, mas não deu a cinta. Partindo para a Capela Verde, encontrou o cavaleiro afiando um machado. Como havia feito o acordo, inclinou-se para receber o golpe.

Ao primeiro golpe, Galvão recuou e foi repreendido. No golpe seguinte, o cavaleiro apenas agitou o machado duas vezes. No terceiro, o machado o feriu levemente o pescoço. Então, o Cavaleiro Verde revelou ser Bertilak e explicou que teria feito tudo a mando da Morgana. Por causa desse episódio, os Cavaleiros da Távola Redonda passaram a usar a cinta verde. Sua morte se deu no contexto da busca pelo Santo Graal, o cálice com o qual José de Arimatéa teria colhido o sangue de Jesus.

É possível que essas histórias de cavalaria sejam um eco distante de fatos verídicos ocorridos em meados do século V, quando os habitantes da Grã-Bretanha tiveram de resistir à invasão anglo-saxã. A família possui essa gênese profunda, com uma raiz inglesa ou escocesa (Bretã) e traria suas origens lendárias no clã de Galvim daquele reino.

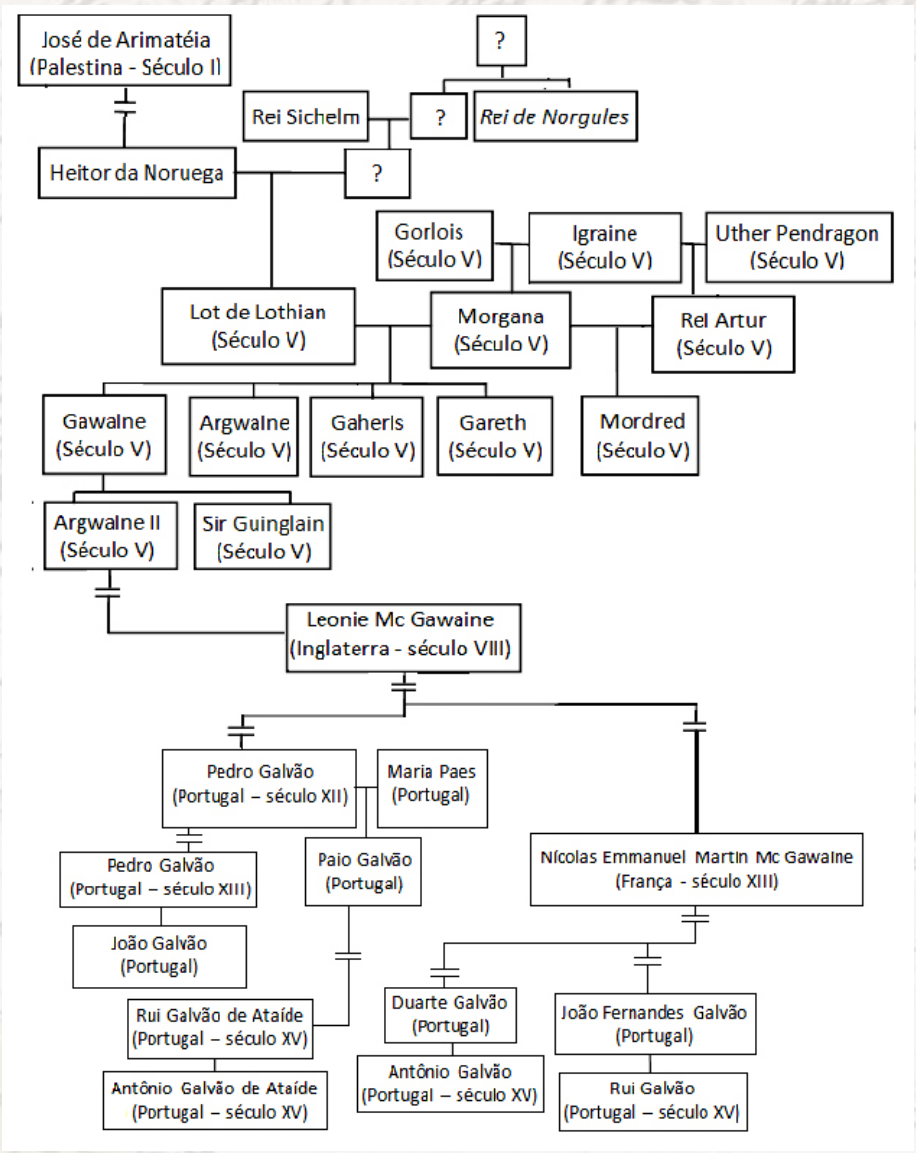
Nome	Alcunha	Descrição
Gawaine	O Falcão	Filho de Lot e Morgana
Argwaine		Filho de Lot
Gaheris		Filho de Lot e de Morgana
Gareth	Gareth, o Franco.	Filho de Lot e de Morgana
Mordred		Filho de Morgana
Gingalain	O Belo Desconhecido.	Filho de Gawaine

Ninguém sabe ao certo sob a linhagem vinda de Sir Gawaine, mas sabe-se da existência de Leonie Mc Gawaine, 300 anos depois do patriarca Gawaine, que parece ter dado continuidade a linhagem dos Galvão. Ele teria sido o ascendente de Dom Nícolas Emmanuel Martin Mc Gawaine, que foi morar na França e fundou a dinastia de Gwain e se tornou cavaleiro templário pela espada do rei francês dom Luiz IX, o santo (1214-1270). Devido às perseguições que extiguiram templários, é possivel que a família tenha fugido e se espalhado pelo sul da Europa. De Dom Nícolas surgiria a linhagem e a grafia Galvão, Galvez e Galvam na península ibérica; Galvani na Itália; Gavin na França, etc.

Em Portugal, a tradição considera dom Pedro Galvão como o fundador da família, pois é o mais antigo Galvão que os documentos puderam alcançar. Esse rico cavaleiro viveu na cidade de Guimarães, na época de dom Afonso Henriques (1111-1185), primeiro rei português. Pedro Galvão faleceu a 12 de agosto de 1179 e foi sepultado no mosteiro de Santa Marinha da Costa, que ele próprio mandou construir e doou à Ordem Religiosa. De seu casamento com dona Maria Paes nasceu um único filho, dom Paio Galvão. Há outros da família, mas que não possuem ligações com os anteriores, como é o caso do mestre de letras Pedro Galvão, pai de João Galvão, cavaleiro no Algarve no reinado de dom Dinis (1261-1325).

Não há exatidão de como o sobrenome Galvão surge em Portugal, mas tudo aponta para essa linhagem que vem da Escócia, passa pela França e se espalha pela região mais equinocial da Europa, depois se espalha para a África e América. A genealogia detalhada da família portuguesa só começa se estruturar a partir do século XV. Antes disso é possível ver nomes sem ligações entre si, como é o caso de um clérigo por nome de João Fernandes Galvão, cuja origem é desconhecida. Ele era o pai de Rui Galvão, da cidade de Évora, que foi embaixador em Castela e secretário do rei dom Afonso V (1432-81).

Fala-se do geógrafo e diplomata Antônio Galvão de Ataíde, filho de Rui Galvão de Ataíde, que teria acompanhado Pedro Álvares Cabral na viagem de descobrimento do Brasil. Nessa mesma época, durante o século XVI tivemos a figura de Antônio Galvão (1490), filho de Duarte Galvão, que foi diplomata e cronista-mor de Afonso V de Portugal. Esse Antônio Galvão foi referido pelo escritor João de Barros (1496-1570) no livro Décadas da Ásia como muito respeitado, destacando-se pela integridade. Deixou o manuscrito Tratado dos Descobrimentos, que apresentava a primeira síntese de todos os descobrimentos realizados por portugueses e espanhóis até 1550. Foi impresso em Lisboa, em 1563, e, em 1601, recebeu tradução e publicação em inglês como The discoveries of the world.



Devido a essa grande expansão portuguesa pelo mundo, é possível encontar algumas famílias Galvão em todos os continentes. No Brasil, os Galvão Chegam efetivamente no século XVII, com dois irmãos: Manoel Lopes Galvão e Francisco Lopes, trinetos dos portugueses Lourenço Lopes (1540) e Joanna Galvão de São Martinho (1558). A estes devemos a grafia Galvão em quase todo o território brasileiro.

Frederico D. R. Cavalcanti

Frederico Cavalcanti é escritor, autor de vários livros. Formado em Direito, atualmente cursa Psicologia. Ele se resume como "Uma pessoa em busca de tudo... Um "filo" a procura da "sofia" de si... Sempre à escolha do carinho e do amor...".

Coldplay, Yellow e Viva la Vida

uma leitura para você...

Yellow
Coldplay

Look at the stars
Olhe as estrelas

Look how they shine for you
Veja como elas brilham por você

And everything you do
E tudo o que você faz

Yeah, they were all yellow
Sim, elas eram todas amarelas

I came along
Eu fui chegando

I wrote a song for you
Escrevi uma canção para você

And all the things you do
E tudo que você faz

And it was called Yellow
E o nome dela era Amarelo

So then I took my turn
Então, eu aproveitei minha chance

Oh, what a thing to have done
Oh, que coisa pra se fazer

And it was all yellow
E era tudo amarelo

Your skin, oh yeah, your skin and bones
Sua pele, oh sim, sua pele e ossos

Turn into something beautiful
Tornam-se algo lindo

And you know, you know I love you so
E Você sabe, Você sabe eu amo tanto você

You know I love you so
Você sabe eu amo tanto você

I swam across
E através, Eu nadei

I jumped across for you
E através, eu saltei para você

Oh, what a thing to do
Oh, que coisa para se fazer

'Cause you were all yellow
Porque vocês eram todas amarelas

I drew a line
Eu desenhei uma linha

I drew a line for you
Eu desenhei uma linha para Você

Oh, what a thing to do
Oh, que coisa para se fazer

And it was all yellow
E era tudo amarelo

And your skin, oh yeah, your skin and bones
E a sua pele, oh sim, a sua pele e ossos

Turn into something beautiful
Tornam-se algo lindo

And you know, for you, I'd bleed myself dry
E você sabe, para você, eu sangraria tudo de mim

For you, I'd bleed myself dry
Para Você, eu sangraria tudo de mim

It's true
É verdadeiro

Look how they shine for you
Look how they shine for you
Veja, como elas brilham por você

Look how they shine for
Veja como elas brilham

Look how they shine for you
Look how they shine for you
Veja como elas brilham por você

Look how they shine
Veja como elas brilham

Look at the stars
Olhe as estrelas

Look how they shine for you
Veja como elas brilham por você

And all the things that you do
E todas as coisas que você faz

Viva la Vida
Coldplay

I used to rule the world
Eu costumava mandar no mundo

Seas would rise when I gave the word
Levantar mares sob o comando da minha palavra

Now in the morning I sleep alone
Agora eu durmo sozinho pela manhã

Sweep the streets I used to own
Varro as ruas que costumavam ser minhas

I used to roll the dice
Eu costumava rolar os dados

Feel the fear in my enemy's eyes
Sentir o medo nos olhos inimigos

Listen as the crowd would sing:
Ouvir a multidão cantar

"Now the old king is dead!
Long live the king!"
“Agora o velho rei está morto!
Vida longa para o rei!”

One minute I held the key
Em um instante eu tinha a chave

Next the walls were closed on me
No outro paredes se fechavam sobre mim

And I discovered that my castles stand
E eu descobri que meu castelo se sustentava

Upon pillars of salt and pillars of sand
Sobre pilares de sal e pilares de areia

I hear Jerusalem bells are ringing
Eu ouço o tocar dos sinos de Jerusalém

Roman Cavalry choirs are singing
O coro da Cavalaria Romana está a cantar

Be my mirror my sword and shield
Seja meu espelho, minha espada e escudo

My missionaries in a foreign field
Meus missionários em um mundo estrangeiro

For some reason I can't explain
Por motivos que eu não sei explicar

Once you go there was never
Uma vez lá, nunca era

Never an honest word
Uma palavra honesta, nunca era

That was when I ruled the world
Aquilo era quando eu mandava no mundo

It was the wicked and wild wind
Era o vento implacável e selvagem

Blew down the doors to let me in
Soprou abaixo as portas para me deixar entrar

Shattered windows and the sound of drums
Despedaçou janelas e o som dos tambores

People couldn't believe what I'd become
As pessoas não acreditariam no que eu me tornaria

Revolutionaries wait
Revolucionários esperam

For my head on a silver plate
Pela minha cabeça em uma bandeja de prata

Just a puppet on a lonely string
Apenas um fantoche por uma única linha

Oh who would ever want to be king?
Oh quem jamais iria querer ser rei?

I hear Jerusalem bells are ringing
Eu ouço o tocar dos sinos de Jerusalém

Roman Cavalry choirs are singing
O coro da Cavalaria Romana está a cantar

Be my mirror my sword and shield
Seja meu espelho, minha espada e escudo

My missionaries in a foreign field
Meus missionários em um mundo estrangeiro

For some reason I can't explain
Por motivos que eu não sei explicar

I know Saint Peter won't call my name
Eu sei São Pedro não chamará meu nome

Never an honest word
Nunca uma palavra honesta

But that was when I ruled the world
Mas isso era quando eu mandava no mundo

I hear Jerusalem bells are ringing
Eu ouço o tocar dos sinos de Jerusalém

Roman Cavalry choirs are singing
O coro da Cavalaria Romana está a cantar

Be my mirror my sword and shield
Seja meu espelho, minha espada e escudo

My missionaries in a foreign field
Meus missionários em um mundo estrangeiro

For some reason I can't explain
Por motivos que eu não sei explicar

I know Saint Peter will call my name
Eu sei São Pedro chamará sim meu nome

Never an honest word
Nunca uma palavra honesta

But that was when I ruled the world
Mas isso era quando eu mandava no mundo

Que a paz dos artistas e de todos os que amam a arte estejam convosco!

Antes de tudo, vamos lembrar que esta é apenas mais uma leitura entre tantas e que, de acordo com uma famosa Teoria da Leitura e Literatura, a Teoria da Recepção, em resumo, uma vez que um texto seja publicado, a interpretação dele pertence aos leitores, uma espécie de comunidade universal de intérpretes.

A fim de não realizar o que alguns chamariam de superinterpretação, algumas perguntas serão feitas, ou seja, no lugar de cortar a sua leitura singular e própria do poema e da canção, pois letra e música são, uma vez unidas, uma essência indissociável em nossas mentes e corações, faremos conjecturas e indagações para que você também possa exercitar suas próprias capacidades interpretativas...

As duas letras, na superfície, parecem ter pouco em comum: entretanto, aqui, aplicaremos a hipótese do iceberg, de que em tudo está oculto algo mais substancioso e profundo, significados criados, inteligibilidades, que vão muito além das aparências... bem, se não estavam lá, passarão a estar na medida em que criamos tais verdades, o corpo do iceberg abaixo da superfície, escondido nas profundezas de nossas próprias águas...

Nas Abordagens Fenomenológicas, ainda mais, na Gestalt-Terapia, não se vê, em princípio, o mundo por um viés interpretativo, e sim descritivo, a fim de se estimular e respeitar o fato de que somos únicos e cada coisa ou ser, enfim, o mundo, será também de um sentido único para nós... todo ser humano é uma singular fonte de si, enquanto bebe de si e do mundo, que é configurado pela existência de infinitas outras singularidades, pensantes ou não.

Mas uma canção... ah... uma canção... João Cabral de Melo Neto, se não me engano, foi quem disse: "explicar um poema é o mesmo que matá-lo".

Sentir as palavras, não se restringir a só pensá-las, essa é uma das belezas da poesia, mesmo a em prosa.

Na primeira letra, vemos uma carta de amor, um elogio, com pleno Romantismo: “I`d bleed myself dry; eu sangraria tudo de mim”, eu secaria meu sangue todo de mim... eu morreria de amor, se necessário, pois o meu amor e mais importante que minha própria vida.

O eu lírico... aquele que fala e se representa nas palavras da letra, rende graças ao poder do amor, coloca-se menor do que o amor, e, por isso mesmo, não se coloca como todo-poderoso, empoderado, senão através da definição que faz de si, como aquele que sente, aquele em que está habitando o amor que existe na “estrela amarela que é o ser amado”... estas são extensões, figurações, em um mistura de descrição e interpretação possível para o que se passa e o que poderia estar sendo descrito na letra...

Você acha que está fazendo sentido até agora?

O na letra de Viva la Vida?

Existiria alguma semelhança?

Seriam, na verdade, um iceberg em um mesmo mar, ou poderiam ser até mesmo um mesmo iceberg?

Em Viva la Vida... há uma espécie de narrativa... uma descrição de um passado de quando as coisas eram, de como eram, quando o eu lírico era o “rei”... “But that was when I ruled the world; Mas isso era quando eu mandava no mundo”.

Tudo é descrito sob uma perspectiva de poder perdido, de decadência, perda de autoridade, perda de força do ponto de vista institucional...

Mas, caro leitor, o que a palavra força significaria para você? O que determina uma pessoa forte? O que faz alguém ser forte? (retornaremos a isto).

No final, o eu lírico diz: “I know Saint Peter will call my name; Eu sei São Pedro chamará sim meu nome”.... estará ele falando de quando, na visão do senso comum, São Pedro regula a entrada das pessoas no céu, chamando pelo nome delas, aos pés do portal divino?

O eu lírico dá a entender que está sem poder, o poder de outrora, mas que, por outro lado, ou devido a este desapego, a este dester, não ter o poder, poderia estar ele dizendo, que a falta “daquele” poder, tornou-o mais pleno, mais feliz, mais virtuoso, a ponto de se pensar: “sim, agora São Pedro vai chamar meu nome”

O eu lírico chega a dizer: “For some reason i can`t explain”... o mistério é abrigo dos humildes, daqueles que admitem não saber, dos que não se acham poderosos, e, por isso, mesmo talvez, venham a ser, justamente, os mais poderosos...

Existem um processo de proteção existencial que muitos chamam de mecanismo de defesa: a “projeção”.

O ser leva adiante, para frente, para o outro, para o mundo que está diante de si, aquilo que ele, na verdade, tem criado em si mesmo: Pro, pra frente; Jeção, ato de levar, colocar.

Toda arte conteria a possibilidade de manifestar um pedaço do interior de quem a criara. Haveria um continuum, um elo inevitável, uma continuidade inegável entre o artista e o que ele cria.

Mas a interpretação pertence ao leitor, certo?

Isto não impediria de haver um pedaço do ser humano que criou na arte criada...

Fato seria que somos singulares, mas somos todos humanos e comungamos, compartilhamos desta condição, compartilhamos desse mundo que nos abriga, ainda que repleto de desigualdades sociais.

Contudo, respiramos oxigênio, sonhamos, sangramos, suamos, choramos, lembramos e temos algumas semelhanças que nos unem em uma única identidade, a de sermos seres humanos.

As duas letras falam, portanto, de cada um de nós, por serem tão profundas em sentimento que evocam essa ressonância, que trazem a chance de identificação... quem de nós já não amou, ou já não caiu e

teve que se levantar de novo e de novo?

Não seria isso também uma maneira de explicar o amor, dentre tantas?

Uma terra sinuosa de altos e baixos, relevos e climas inúmeros, nada lineares, sustentada por um núcleo que é tão quente e profundo que não o alcançamos, embora sejamos capazes de senti-lo em sua substância e nos efeitos dela?

O Amor é mistérios de estrelas e poderes que se foram... a luz das estrelas que vemos já partiram da essência que elas são, mas quem haveria de negar toda a poesia que trazem para nós?

A verdadeira força não seria isso? Não precisar mandar no mundo, para estar satisfeito, e sim amar, amar e amar, a fim de sentir e ser as virtudes, a alegria: daquele que, porque ama, tem no amor sua própria recompensa (como já dizia provérbio antigo: "aquele que ama tem no amor sua própria recompensa")

Quando lemos ou escrevemos ou cantamos, o nos relacionamos, haverá sempre a possibilidade intensa da ocorrência de uma projeção...

Porque o ser humano parece ser um ser de conexão...

Somos uma junção inescapável entre ser e meio... estamos lançados no mundo escravizados pela necessária e, às vezes, também angustiante, qualidade de fazer escolhas, sejam estas conscientes ou não tão conscientes...

Todos desconhecem o outro, mas, ao conhecerem algo de si, deslocam para o outro o pouco que conhecem de si, a fim de não ter o outro como um terreno totalmente desconhecido.

> "O mundo precisaria de menos poder, de menos força, nos sentidos usuais..."

Quando não se tem uma informação e ela é obrigatória, até por uma necessidade emocional, não temos de onde tirar parâmetros e dados, senão de nós mesmos... isso é um tanto projeção...

O eu lírico aprendeu e criou os valores que apresentou sobre o amor e o poder. Isto nos toca a todos, pois vivemos em um mesmo planeta e vivemos uma certa semelhança de condições que afetam o nosso corpo...

Enfim, são conjecturas... todas as vezes que pensamos em fazer alguma coisa com quem amamos, podemos acabar fazendo algo que gostaríamos que o indivíduo que amamos estivesse fazendo conosco...

Quando cantamos, cantamos para nós mesmos e para o amor que somos, bem como para o amor que nos conecta com o outro e com o mundo...

O mundo precisaria de menos poder, de menos força, nos sentidos usuais...

Mas será que poderia haver mundo sem Amor?

Para você, o que, ou quem, seria o Amor? O que é ser forte? O que é ser poderoso?

A paixão segundo Rilke Parte 2

Adriano Gray

Artista gráfico e escritor, mestre em ciências sociais pela UFRN

> Sem paz, sem amor, sem teto,
> caminho pela vida afora.
> Tudo aquilo em que ponho afeto
> fica mais rico e me devora.

Nem diante de ti serei eterno diz o poeta. A paixão que nos arrebata e consome está mais próxima do sonho do que a vil realidade. Nossos sonhos alimentados por orquídeas de sangue, tão confiantes da sua força e esplendor, mas ao mesmo tempo frágeis e pueris que se desvanecem na nossa angústia de querer ser correspondido em nosso amor. Assim foi a paixão segundo o jovem poeta Rilke pela escritora Lou Andreas Salomé, tão arrebatadora como incerta, variando como o humor do próprio poeta, da euforia à depressão, segundo suas próprias palavras: "mil horas de angústia e espera atenta, observadora do objeto amado". Apesar da sua brevidade, de apenas três anos, continuaram amigos e correspondentes pela vida inteira e foi de fundamental importância para o amadurecimento de Rilke, levando a tornar-se um dos maiores nomes da literatura alemã.

Segundo ato: os frutos da paixão

Uma vez que o relacionamento foi consolidado, Salomé acreditava que os ânimos do jovem poeta iriam pôr-se em ordem e esperava que a força do seu sentimento por Rilke poderia ajudá-lo nos seus momentos de maior depressão e angústia. Tal pensamento infelizmente não logrou êxito, ela chegou

mesmo a questionar se poderia ser um quadro de doença mental, tamanho era o estado de fragilidade emocional dele. Alguns anos mais tarde, esse fator foi determinante para o fim do relacionamento amoroso deles, Salomé não conseguiu suportar a pressão e a responsabilidade pela saúde de Rilke.

No campo intelectual seus estilos conciliavam uma relação de reciprocidade em que Rilke chegara a dizer que havia uma grande afinidade entre os ensaios dela e a poesia dele. Seria como se ela pudesse transformar em realidade as ideias que ele concebia oniricamente. O fato é que Rilke em seus primeiros livros abordava temas sutis, do que havia de estranho e misterioso na vida, sentida mais por intuição do que vivida ou percebida materialmente.

"Os sonhos são para mim como as orquídeas,
Esplendorosos e alegres.
Da árvore gigantesca da vida
Extraem sua força.
Orgulhosos do seu sangue emprestado,
Eles se vangloriam e depois vacilam."

Esse caráter inefável da poesia dele contrariava Salomé pois mesmo admirando seu poder literário, a força e brilhantismo dos seus versos, ela se queixava da efemeridade deles, como se fosse algo distante do real sentido da vida. Seu esforço nesse sentido foi de aos poucos, com sua sensibilidade e talento mostrar a ele um caminho poético ideal, que unisse forma e conteúdo.

Foi através da influência de Lou que o jovem

Rilke - Imagem: internet

Rilke - Imagem: internet

Rilke inicia um processo de mudança em sua escrita buscando objetos poéticos de maior simplicidade e com mais clareza em sua descrição: "O mundo havia perdido o seu aspecto nebuloso, tão característico nos meus primeiros versos que, depois de terem cintilado se dissolviam". O poeta continua exaltando o seu amadurecimento: "Lentamente, com dificuldade, reparei como tudo é simples". Dessa mudança na sua arte surge posteriormente o livro Novos Poemas.

A relação dos dois por vezes se assemelhava ao de mãe e filho, Salomé percebia o enorme talento de Rilke mas via sua displicência e abandono no que se referia aos fatos pragmáticos da vida cotidiana. Seguindo seu instinto professoral, insistiu a Rilke que fizesse o estudo de novas línguas, sobretudo o russo, dada a influência dos escritores russos na época. Fato este que ele cumpriu com afinco. Em poucos meses já podia ler e escrever razoavelmente e com a ajuda dela desenvolvia seus primeiros poemas em russo. Seus estudos na língua e cultura russa tomaram forma após a viagem deles para terra natal de Lou e tiveram como consequência uma profunda

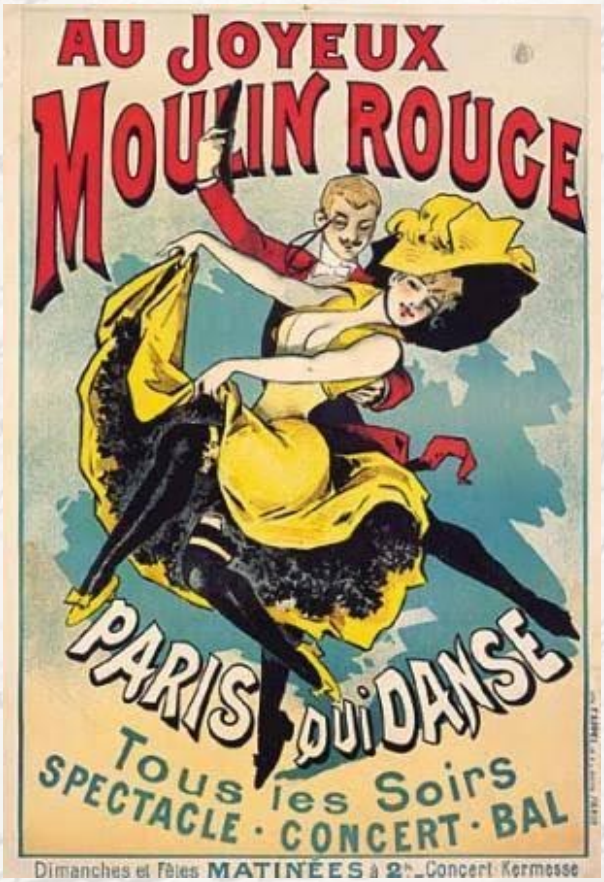
marca na sua concepção artística.

Em um dos momentos mais arrebatadores de Rilke durante sua estada na Rússia, cheio de uma esperança renovada de um futuro auspicioso do sentimento que nutriam um pelo outro, ele escreve para amada o célebre poema que consta do Livro de Horas:

"Apaga-me os olhos, ainda posso ver-te. Tranca-me os ouvidos, ainda posso ouvir-te, e sem pés posso ainda ir para ti, e sem boca posso ainda invocar-te. Quebra-me os ossos, e posso apertar-te com o coração como com a mão, tapa-me o coração, e o cérebro baterá, e se me deitares fogo ao cérebro, hei-de continuar a trazer-te no sangue." Imagine a reação de Salomé ao receber este poema, mesmo ela tão crítica em relação aos seus objetos poéticos não estava preparada para absorver o impacto dessa sucessão tensa de versos, cuja dramaticidade crescente tem como final uma catarse de submissão espiritual.

Após os eventos que marcam o fim do relacionamento de ambos e uma fracassada tentativa de casamento por parte de Rilke com a escultora Clara Westhoff o poeta segue para França em uma temporada difícil em Paris como secretário do escultor Rodin. Rilke mais uma vez pede conselhos e conforto a Salomé sobre os conflitos da sua produção e vivência poética. De maneira diversa a Rodin e seu vigor na execução do seu trabalho, o fazer intelectual do escritor demanda um recolhimento, um afastamento das distrações mundanas, para que se torne possível conciliar o espirito com a sua forma estética correspondente. Salomé sabia muito bem disso, adivinhava os tormentos pelo qual passava Rilke em sua atual situação, mas ao mesmo tempo percebia que suas maiores dores faziam parte da própria constituição dele como ser sensível.

Talvez de forma tardia Salomé entendeu que a aparente 'doença' da qual tantas vezes se queixou enquanto amantes, e um dos principais motivos da separação entre eles, era uma profunda incompatibilidade do poeta a uma realidade objetiva e abjeta, distante da sua sensibilidade artística. A verdade é que a cada crise sua poesia se intensificava e se transformava. Ao mesmo tempo que seu corpo padecia, sua poesia o elevava. A dor o purificava com o fogo sagrado, salvo por anjos, conhecendo seu auge na escritura das suas elegias.



"Quem, se eu gritasse, entre a legião dos Anjos me ouviria? E mesmo que um deles me tomasse inesperadamente em seu coração, aniquilar-me-ia sua existência demasiado forte. Pois que é o Belo senão o grau do Terrível que ainda suportamos e que admiramos porque, impassível, desdenha destruir-nos? Todo Anjo é terrível"

Notas para a história das artes plásticas do Rio Grande do Norte

I - Moura Rabello

Isaura e Marlene

Isaura Amelia de Sousa Rosado Maia tem dupla cidadania, é mossoroense por nascimento (09.10.1947) e natalense por adoção da Câmara Municipal de Natal.

Início do século XX

Realizamos uma pesquisa nos jornais do Rio Grande do Norte que deu suporte e concretude a essas notas. Buscamos os passos e os acontecimentos registrados na imprensa sobre a arte potiguar referente aos primeiros 50 anos do século XX. E assim, refizemos a trajetória de Moura Rabello, que em verdade se constituía em objetivo primeiro das minhas indagações.

A pergunta que guiou o trabalho foi: como Moura Rabello se fez artista? Quais experiências culturais vivenciou? Como colaborou com o movimento cultural da Cidade do Natal nesse período? E, desse modo, fomos construindo as respostas no processo da pesquisa.

Do que encontramos nos jornais da época, podemos sublinhar três importantes iniciativas:

1) a criação da Escola Elementar de Belas Artes (1925);

2) A primeira Exposição de Artes Plásticas do RN (1933) e

3) a Retrospectiva de Moura Rabello, em 1976, organizada por Dorian Gray Caldas, diretor do Museu Histórico à época.

Para além destas iniciativas indicamos os locais onde se encontram as obras de Rabello, precursor das artes plásticas no RN, e também o rol das obras não localizadas.

1. Escola Elementar de Belas Artes

Moura Rabello já como artista começa a aparecer na imprensa potiguar a partir de 1915. Porém, só em 1925, segundo publicação no jornal A República (26.07), é criada a primeira **ESCOLA ELEMENTAR DE BELAS ARTES** em Natal. Rabello, ao lado de Hostílio Dantas e Eloy Ribeiro, participam ativamente desta primeira iniciativa cujos estatutos (em anexo), dão conta do esmero, da organização, da proposta educacional e pedagógica; com objetivos, missão, currículo, programas, carga horária estão bem especificados, para os cursos geral e especial previstos.

Isaura Amelia ladeada de obras de Moura Rabello: Pai Quinca (coleção Isaura Amelia), crayon e 3 olios, Pé. João Maria a Caminho da Caridade (de propriedade do colecionador Manoel Onofre), retratos de Dorian Gray e Juvenal Lamartine (familiares).

Médico Iaperi Araujo diretor da Sociedade Amigos da Pinacoteca Potiguar ladeado por Marlene Rabello filha mais nova de Moura Rabello e Isaura Amelia pesquisadora, em solenidade de lançamento do seu livro: Moura Rabello precursor da arte potiguar

O Curso Geral compreendia três anos de estudo. No primeiro, se estudava Desenho Figurado, Geometria Prática e História da Arte. No segundo, as disciplinas eram Desenho Figurado e Geométrico, Projeção e Perspectiva, História da Arte, Escultura e Ornatos. No último ano, estudava-se: Desenho de Modelo Vivo, Escultura de Ornato e Anatomia Artística.

A Escola Elementar de Belas Artes recebia alunos de ambos os sexos; pagava-se mensalidade e havia exames de admissão ao final de cada matéria de estudo. Também estava previsto nos estatutos uma mostra dos trabalhos realizados durante o ano com o objetivo de divulgação para o público. As obras podiam ser comercializadas e os recursos eram divididos entre a Escola e o aluno autor. A idade mínima para ingresso na Escola era 12 anos, além de atestado de boa conduta.

2) Primeiro Salão de Artes Plásticas do Rio Grande do Norte - Decreto 481 de 10 de julho de 1933

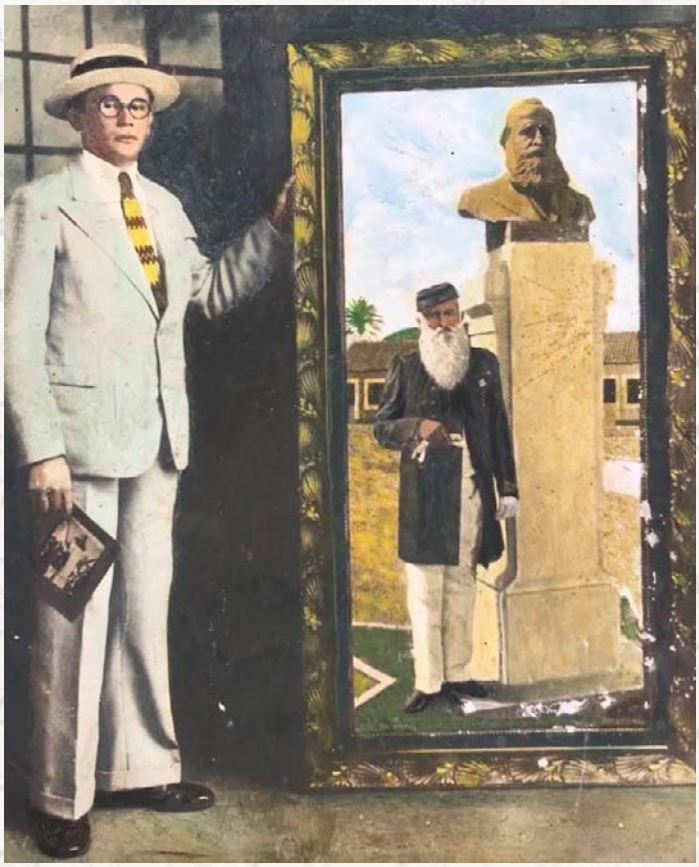
A nossa pesquisa aponta a criação pelo Governo do RN do **PRIMEIRO SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS DO RIO GRANDE DO NORTE**, em 1933. Regulamento, inscrições, comissão julgadora, premiações e os prêmios aquisição – constantes nos registros da imprensa da época – trazem à tona, novamente, os nomes de Moura Rabello e Hostílio Dantas, como organizadores e participantes.

Sabe-se que a exposição ficaria 15 dias aberta à visitação, teve comissão julgadora, que contou com a presença de Câmara Cascudo, Alice Carvalho (que tinha em funcionamento um curso de pintura), Cristina Rosselli (que não compareceu), o professor e pintor José Militão Pastrik, e foi presidida por Anfilóquio Câmara.

Na categoria escultura foi premiado "O Trabalhador", de Hostílio Dantas, aliás, única concorrente.

Referente às pinturas, sabe-se que houve a participação de nove artistas. A comissão julgadora reunida resolveu excluir

[1]Senador Brito Guerra não estava na Pinacoteca quando foi elaborado o Primeiro Catálogo do Acervo de Artes Visuais do Governo do Rio Grande do Norte (2007, 190p), organizado por mim e Ana Neuma Teixeira Lima, quando diretora do Centro de Documentação Cultural Eloy de Sousa.



Moura Rabello jovem, quando pintou este quadro e a mesma foto repetida anos depois, quando doou ao IHGRN.

os trabalhos considerados cópias; colocou em segundo plano as pinturas auxiliadas por fotografias e definiu também a votação em escrutínio secreto. Dentre as 18 telas concorrentes, obteve primeiro lugar o pintor Murilo La Greca, com uma paisagem do "Pão de Açúcar", e o segundo lugar coube a Moura Rabello com a obra "Padre João Maria Entre os Humildes".

Temos conhecimento de que Rabello expôs, na oportunidade, 10 obras, dentre elas, "O Baldo Antigo", o retrato de Juarez Távora e o famoso quadro "O Vaqueiro". A exposição foi realizada no Teatro Carlos Gomes (atual Teatro Alberto Maranhão) e contou com o comparecimento do ilustre presidente Getúlio Vargas, que estava em visita a Natal. Anos depois, Moura Rabello pinta um retrato do presidente Getúlio Vargas e o entrega no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro (obra não localizada pela nossa pesquisa).

Ao voltar à Natal no fim da vida, pouco antes de falecer, em entrevista concedida ao professor Tarcísio Gurgel, Moura Rabello ainda vai se referir a essa exposição e às mágoas que ficaram. Sobre a obra "Pão de Açúcar", de Murilo La Greca ele diz com desdém que "era uma paisagem para qualquer tampa de manteiga".

O Decreto 481 (em anexo) que criou o Salão foi, na opinião de um jornalista da época, "Providência eminentemente patriótica e salutar, ligando no sentido do mais alto e mais dinâmico as fontes nativas e vivaz do nosso espírito, há muito hibernando à míngua de iguais estímulos".

Não há dúvidas de que a história da Arte potiguar já estava sendo gestada nos anos 1920.

Destaco ainda que no material alcançado, encontro como registro anterior à Moura Rabello, a referência que existia, na residência do Comendador Alberto Rosseli, na esquina da Av. Rio Branco com Av. João Pessoa, painéis e afrescos pintados diretamente nas paredes (Danilo, 04.08.1971, Diário de Natal). Trata-se, segundo Dorian Gray Caldas, das pinturas de Joaquim Fabrício Gomes de Souza, arquiteto, pintor histórico, pioneiro nas artes no Estado, além de poeta e professor do Atheneu. Joaquim Fabricio foi diplomado pela Academia Imperial de Belas Artes, instituição apoiada por Dom Pedro II.

Voltando aos artistas que transitavam em Natal nos primeiros 50 anos do século XX, encontramos citados Murilo La Greca, Hostílio Dantas, Moura Rabello, João Ricardo, Lourdes Guilherme – que se dedicou à pintura em porcelana –, Misabel Pedrosa, José Militão Pastrik e Eloy Ribeiro, dentre outros.

Rabello, objeto dessas notas, viveu – como a própria filha relata em muitos períodos da vida – apenas da pintura. Encontramos nos jornais da época, nos créditos suplementares e balanços publicados pelo Estado, apoio para publicação de poemas e sabemos da encomenda para produção dos 20 retratos de personalidades nacionais para celebrar o primeiro centenário da independenca. Em 1971 tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; pertenceu também à Academia de Letras do Rio de Janeiro e recebeu o título de cidadão carioca, onde viveu por 44 anos. Foi homenageado pelo Governo do Rio Grande do Norte quando colocou seu nome em uma rua na Candelária: Rua Professor Moura Rabello.

Na pesquisa, não encontramos nenhuma referência ao natalense Raul Gomes Pedrosa (Natal, 1892-1962, Rio de Janeiro), teatrólogo, desenhista, escritor, gravador e pintor, aluno da Escola Nacional de Belas Artes em 1917, casado com a pintora Olga Mary, que viveu entre o Rio, Paris e Florença, registrado na página 69 do Livro Isaura Amélia Coleção de Arte, SAPP, 2019,

como verbete da obra "Le Chomeur", RN746 transcrito do Dicionário das Artes Plásticas no Brasil, 1969 de Raul Pontual.

Isso posto, constatamos que no tema artes plásticas e artes visuais há um campo vastíssimo e pouco explorado para estudos e pesquisas. Trazer a lume artistas, suas técnicas, suas biografias, nossas galerias, ainda é tema instigante nas artes plásticas potiguares.

3) A retrospectiva

Dorian Gray quando era diretor do Museu de Arte e História do RN, que funcionava no Sobradinho (primeiro sobrado construído em Natal, entre os anos de 1818 e 1820, por José Alexandre de Gomes de Melo, situado à rua da Conceição, nº 630, hoje Museu Café Filho), foi o responsável por organizar, em janeiro de 1970, juntamente com a Academia de Trovas, uma exposição retrospectiva da obra de Moura Rabello.

Foram expostos 19 retratos, dentre eles: o do poeta Ferreira Itajubá; do Padre João Maria; do Monsenhor Walfredo Gurgel, bem como foi apresentado também o retrato do compositor Carlos Gomes, além de Amaro Cavalcanti e Felipe Camarão, dentre outros (Tribuna do Norte, 19.05.76).

Justamente nessa ocasião foram doados os quadros de Augusto Severo e Sachet - obras datadas de 1963; Amaro Cavalcanti trabalho realizado em 1937 e o retrato do Senador Brito Guerra à Pinacoteca (Diário de Natal, 20 e 2101/10).

Ao que tudo indica, a obra "O Vaqueiro" não integrou a doação naquele momento, também ainda não localizamos as circunstâncias que o levaram à Pinacoteca.

O que as pinturas nos sugerem....

O que antecedeu a Moura Rabello, em termos de construção pictórica no Brasil do século XIX, foi a predominância do ensino acadêmico. Isso era, para os jovens artistas, o estímulo à capacidade técnica da cópia, somando-se a uma erudição própria. Dizendo de outra forma, a cópia de obras de grandes mestres da pintura era o que estava em voga, além das paisagens. A cópia cumpria uma importante função didática.

Acadêmico e realista, Moura Rabello, assegurado em depoimentos da sua filha Marlene Rabello, não frequentou escolas de arte como aluno. O seu olhar apurado, a intuição e o exercício da técnica da cópia sustentaram a sua criação.

O próprio Moura Rabello nos revela quando diz: "Me fiz sem mestre. Comecei a desenhar em 1911. Em 1913, fiz o primeiro retrato do Pe. João Maria, para Dona Maria Paulino, esposa de Arthur Barroca".

Nas palavras do marchand e professor Antônio Marques, Moura Rabello que também pintava à óleo sobre tela, era de fato, um virtuose na técnica do crayon sobre cartão. Marques considera que é nessa técnica, cuja produção chegou até nós, que está "o mais definitivo, o melhor, a maestria da sua obra".

Destacamos que o professor Antônio Marques do Departamento de Artes da UFRN, examinou as dezoito obras existentes no acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, daquelas 20 encomendadas pelo Governador Antônio de Sousa, o Polycarpo Feitosa, para celebrar o Centenário da República. Oportunidade em que constatou uma "desidratação" em estágio muito avançado, além da oxidação advinda pelo tempo, que tornou o papel muito quebradiço. A fibra do papel é muito delicada, diferente da fibra da tela, que resiste bem mais ao tempo, é o que pontua Marques.

Ainda nesta visita, que fizemos juntos ao IHGRN, nos coube uma constatação: existe na primeira sala do Museu um desenho de Felipe Camarão, não assinado, que inferimos, serviu de inspiração a um imponente retrato feito por Dorian Gray, exposto na Prefeitura de Natal, em tons azuis. Pois bem, este retrato de Felipe Camarão tem parece ser de Moura Rabello, considerando o estilo, materiais utilizados, o que nos faz atribuir a autoria a Rabello.

Essa suspeita se torna muito mais verossímil quando encontramos a inclusão do retrato de Felipe Camarão na "Retrospectiva de Moura Rabello", que Dorian Gray organizou no Museu Histórico em nota publicada no jornal Tribuna no Norte de 19.05.1976.

Concordamos com o professor Antônio Marques, quando afirma que Moura Rabello foi o maior retratista do Rio Grande do Norte, e, na sua obra, deu preferência aos vultos históricos, aos familiares e a raros amigos.

Para realizar seus trabalhos sempre se apoiava em fotografias. Constatamos que ele as usava como recurso básico para a sua pintura, dividindo matematicamente, a foto em quadrados iguais para, talvez, não perder as proporções e perspectiva. Podemos sugerir que não havia traços livres, nem sequer pinceladas livres, tudo era estudado e planejado.

Sua palheta de cores é composta, predominantemente, de tons mais sombrios, lavados, sempre com muita harmonia e equilíbrio.

Uma curiosidade: a partir da obra de Rabello, observamos que ele, nascido no final do século XIX, vivenciando os movimentos modernistas da época, residindo 44 anos no Rio de Janeiro, numa cidade fervilhando de inovações estéticas, não aderiu ao novo estilo; enfim, não incorporou na sua trajetória plástica as novidades estéticas modernistas de toda a metade do século XX que ele testemunhou.

Foi assim, como ele próprio escreveu, um homem de fé e de poucas mudanças na sua obra plástica, do começo ao fim.

INVENTÁRIO PROVISÓRIO DAS OBRAS DE MOURA RABELLO e locais onde podiam ser apreciadas

Em todas as nossas leituras e levantamentos fomos construindo, pouco a pouco, um rol das obras de Rabello e aqui apresentamos 60, numa expectativa que outros estudiosos possam vir a aportar, novas e relevantes contribuições. As datas aqui registradas raramente são da própria pintura. Referem-se, na sua grande maioria, aos jornais que as noticiavam e aos livros onde estão citadas. Eventualmente pode ser o ano de realização do quadro. Mas, trata-se apenas de um indicativo:

I – ACERVO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAFICO DO RN - IHGRN

Inclui os 18 retratos dos Vultos Históricos encomendados pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte pintados por Moura Rabello hoje pertencentes ao acervo do IGHRN são praticamente do mesmo tamanho 63 x 49

cm e técnica de crayon sobre papel. Todos datados de 1921 ou 1922. Observa-se que cada quadro tem sua identificação escrita por Rabello no próprio quadro. Há 20 anos atras esses quadros estavam expostos no IHGRN em molduras nas partes mais altas da sala à direita. Hoje, no momento da pesquisa, se encontram sem moldura, aguardando restauro.

19. Retrato de Vicente Simões Pereira de Lemos (1850- 1918). Pintura de 1917- Crayon, 35 x 30 cm. Doação ao IGHRN do seu bisneto, sócio efetivo Ivoncisio Meira de Medeiros em 14.07. 2006.

20. Retrato de Maria Olindina Bulcão de Lemos (esposa de Vicente Simões Pereira de Lemos). Pintura de 1916 em crayon, 35 x 30 cm. Doação ao IGHRN do seu bisneto Sócio Efetivo Ivoncisio Meira de Medeiros.

21.Retrato de Dr. Luiz Carlos Lins Wanderley (*30.08.1831), primeiro riograndense do norte titulado em Medicina, homenagem da colônia açuense em Natal no primeiro centenário do seu nascimento 30 .08.1931. Óleo sobre tela, 1931, 57 x 46 cm.

22.Brito Guerra. Impressão fotográfica s/ data, 57 x 46 cm.

23.General Varela junto a herma de Pedro II, 1971, 1,46 x 74cm, óleo sobre tela, acervo do IHGRN.

II - Acervo da Pinacoteca do Estado do RN.

24. Augusto Severo e Sache 1963, óleo sobre tela, 143 x 93 cm, doação do artista. Pinacoteca Potiguar.

25. O Vaqueiro. 1949, óleo sobre tela, 97 x 77 cm, doação do artista. Pinacoteca Potiguar.

26. Padre Amaro Cavalcante. 1937, óleo sobre tela, 58 x 46 cm, doação do artista. Pinacoteca Potiguar

III - Acervo da Prefeitura Municipal de Mossoró

27. Auto Retrato

28. O Baldo Antigo, 1934, óleo sobre tela.

Acervos Particulares localizados e fotografados

29. Primeiro Retrato do Padre João Maria 1913, óleo sobre tela, 47 x 40 cm. Acervo: Jardelino Lucena e Ana Amélia.

30. Dorian Gray, 1955, óleo sobre tela, 53 x 41 cm Acervo: Herdeiros de Dorian Gray.

31. Mocinha Rebeca, 1970, óleo sobre tela, 57 x 45cm, Acervo: Isaura Amelia

32. Pai Quinca (avô Materno Marlene Rabello), 1917, crayon sobre cartão, 49 x 41 cm, cm. Acervo: Isaura Amélia

Rebeca Menina de laço, 1944. Pintura em crayon, 55 x31cm. Acervo Isaura Amélia.

33. Juvenal Lamartine (1928) acervo da família

34. Pe. João Maria a Caminho da Caridade, 1946, óleo sobre tela, 53 x 73 cm, acervo Manoel Onofre Júnior.

35. Walfredo Gurgel, óleo sobre tela, 1976,

36. Retrato de Raymilson (filho de Moura Rabello), 1963, óleo sobre tela, 55 x 47 cm, Acervo: Manoel Onofre Júnior

37. Retrato de João Batista Rabello (pai de MR), 1936. Óleo sobre cartão, 55 x 29 cm. Acervo: Dr. João Batista Rabello

38.João Batista Ferreira Rabello (pai de Moura Rabello), crayon sobre catão, acervo de Dr. João Batista Rabelo

39.Adriene Guinnan Rabello, óleo, acervo da família

40.Luiz de Geninin (crayon) família

41.Nadege de Moura Luz, crayon sobre cartão, acervo da família

42.Nadege de Moura Luz, óleo sobre tela, acervo da família

43.Marlene Rabelo e o noivo (óleo, 1952) acervo da familia

Obras ainda não localizadas - as datas aqui apontadas em geral se referem ao ano da publicação onde a informação foi localizada, jornal, revista etc, não a data que a obra foi realizada. Trata-se apenas de um indicativo

44.João Tibúrcio (1929)

45.Joaquim Ferreira Melo (1920)

46. Major Juarez Távora (1931)

47. Manoel Bandeira (homenagem da Sociedade Artística e Cultural Brasileira nos 70 anos do poeta)

48. Manoel Dantas (1929)

49. Poeta Ferreira Itajubá (1916)

50. Senador Francisco de Brito Guerra

51. Valentim Bolsos (Observador Econômico e Financeiro)

52. Antônio Raja Gabaglia (diretor do Colégio Pedro II, RJ)

53. Carlos Gomes - Maestro (1976)

54. D. Jose Pereira Alves (1976)

55. Dr. Antônio de Souza

56. Eloy de Souza (1915)

57. Espírito Santo Cardoso (óleo)

58. Frei Miguelino

59. Getúlio Vargas (óleo, 1934)

60. Henrique Dodsworth (óleo)

ONDE AS OBRAS DE RABELLO ERAM EXPOSTAS:

Sede do jornal A República, Filial da Fábrica Lafayette, exposições agrícolas, Teatro Carlos Gomes, sobradinho, estão mencionados na imprensa como espaços onde Moura Rabello apresentava ao público suas criações.

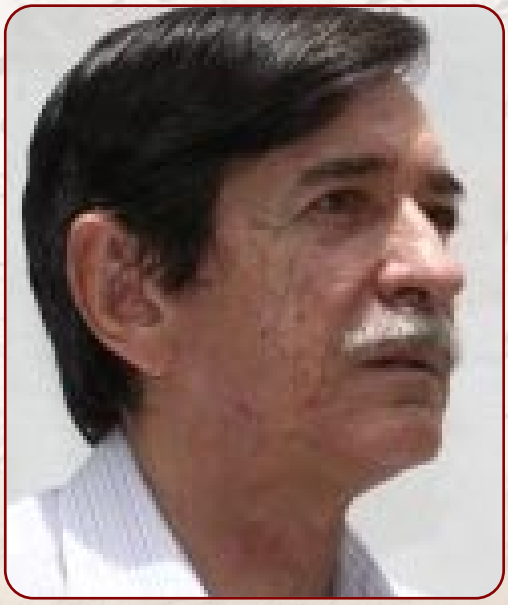
ISAURA AMELIA ROSADO MAIA

Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do RN – UERN. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará e Doutora em Sociologia pela Universidade de Salamanca Espanha. Professora dos cursos de Especialização, Mestrado e Graduação. Coordenadora de cursos de especialização, na UFERSA e UERN, Chefe de departamento de Ciências Sociais.

Na área da gestão tem vasta experiencia na cultura, educação e ciência e tecnologia, foi presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher e das Minorias (1997. 2000), Presidente da Fundação Cultural Capitania das Artes (2002.2004) Foi Presidente da Fundação Estadual de Pesquisa, FAPERN, (2007.2010). Secretária Adjunta da Educação (2003-2005). Presidente da Fundação José Augusto e Secretária Extraordinária de Cultura. Em Mossoró colaborou com o Governo Rosalba Ciarlini por duas gestões. Apoia a organização social SOCIEDADE AMIGOS DA PINACOTECA POTIGUAR Hoje realiza trabalho voluntário na UFERSA com o objetivo de implantação da Pinacoteca de Mossoró e Memorial da UFERSA MOSSORO que deve abrigar, em comodato, a Coleção Isaura Amélia.

NSTITUIÇÕES CULTURAIS A QUE PERTENCE:

- Membro do Instituto Histórico do Oeste Potiguar – INOCOP
- Membro da Associação Literária e Artística de Mulheres Potuguares
- Membro do Instituto Historio e Cultural do RN - IHCRN
- Membro do Conselho Estadual de Cultura por dois mandatos- CEC
- Eleita para a Academia Norte Rio grndense de Letras - ANRL



Carlos Alberto Josuá Costa

Engenheiro Civil, Escritor, Membro
da Academia Macaibense de Letras

Estação primavera

O relógio da estação marcava exatamente 10h15 quando o trem, ainda envolto pela névoa da manhã fria e diminuindo a sua velocidade na linha 4, estacionou. Poucos passageiros, possivelmente turistas, desceram e caminharam apressadamente em busca de um local mais aquecido.

A minha espera não foi em vão. Entre os que desceram, estava ela. Como sempre, sorridente e confiante em suas atitudes. Percebi, no entanto, que desta vez portava apenas uma pequena bolsa como bagagem, aparentando ser curta a sua estadia.

Um abraço, um beijo de acolhida, um sorriso que espelhava alegria. Poucas palavras, talvez pelo clima de final de inverno, que possivelmente a fazia mais contida.

Dali fomos para uma cafeteria fora da estação, na mesma quadra onde, em outra época, nos conhecemos fortuitamente em uma das livrarias que, no início da primavera, oferecia palestra e contato com os autores locais. E foi num evento assim que nos aproximamos pelo mesmo interesse em saber como "nasce" um livro.

Da amizade surgida passamos a nos encontrar, com certa frequência, sempre aos finais das tardes, em um dos logradouros de antigos casarões, bem conservados, que dispunham de mesas e cadeiras em suas calçadas para um chopp gelado, acompanhado de azeitonas verdes e diversos tipos de embutidos, entre eles o salame hamburguês, feito artesanalmente com cortes nobres de carne suína e especiarias naturais sele-

cionadas, nosso preferido.

É certo que criamos um vínculo amoroso, que era intenso, porém sempre rompido na chegada do verão, quando ela voltava para a sua cidade e para as suas atividades profissionais. Nesses momentos, nenhum compromisso era assumido um com o outro, pois o seu retorno era tão incerto quanto a minha espera.

Ao cair da tarde, quando o sol espalhava as cores da paleta divina, sempre íamos contemplar o seu espetáculo nos arredores da cidade, onde o horizonte fortemente alaranjado realçava as nossas emoções. Ali nos abraçávamos, sorríamos e nos encantávamos com a natureza que evidenciava o nosso carinho.

Na volta para o pequeno, porém aconchegante apartamento, parávamos no calçadão para compartilhar os sentimentos que o pôr do sol deixava em cada um de nós. Quase sempre esse momento era celebrado com uma taça de vinho tinto, Pinot Noir, num brinde efusivo, entrecortado de sedução.

Passada a festa de abertura do verão, era chegado o tempo do distanciamento.

Em quase todas as vezes em que ela partia, o último aceno era da varanda da estação, que testemunhava a dúvida do reencontro. Sempre assim! Éramos cheios de vida, de paixões e de cumplicidades quando juntos, mas frios, quando distantes.

Desta feita, porém, o observar de sua partida foi da janela do apartamento, cuja vista alcançava a longa calçada até o ponto do bondinho elétrico que fazia o traslado para a estação de trem.

Da janela, busquei o seu adeus e percebi que ele não era definitivo. A cada duas ou três passadas, ela se voltava em minha direção. Porém a dúvida me tomava, se ela buscava apenas uma última visão ou a certeza de que não iria tão longe.

Fechei a cortina para não dissipar a dúvida.

A busca de um método universal para encontrar a verdade

O discurso do método

José Wellington de Paiva

Engenheiro Químico.
Especialização em Engenharia de Processamento de Petróleo e MBA em Gestão estratégica de negócios pela USP

O que é a verdade no mundo corporativo? Em grego, a verdade (aletheia) significa aquilo que não está oculto, o não escondido, manifestando-se aos olhos e ao espírito, tal como é, ficando evidente à razão.

Em latim, a **verdade** (veritas) é aquilo que pode ser demonstrado com precisão, referindo-se ao rigor e a exatidão.

Nas organizações buscar a **verdade** significa encontrar as reais causas dos problemas, dado que um problema pode ser definido como um resultado indesejável ou como uma oportunidade de melhoria.

Como o nosso sistema de gestão pode encontrar a verdade?

Segundo Vicente Falconi, Gestão é promover resultados, **resolver problemas**, promover mudanças e principalmente utilizar o método. A palavra método, oriunda do grego, significa caminho para a meta.

Continua Falconi: "Se gerenciar é alcançar resultados, então não existe gerenciamento sem método". O método é então a essência do gerenciamento. "Não há Gestão sem método", essa busca pela verdade, contida nas informações organizacionais de hoje, é que fornece a orientação necessária para a boa tomada de decisão. "Tomada de decisões com base em opiniões torna-se muito cara e, algumas vezes, desastrosa".

Qual a contribuição de Descartes para atingirmos nossas metas?

Filosofar significa refletir criticamente sobre alguma coisa. Para o filósofo francês René Descartes, a

filosofia deve ser algo útil para as pessoas no dia a dia e não somente uma teorização abstrata. A filosofia tem de melhorar a vida das pessoas, tornar o homem, mestre da natureza.

Com este propósito ele escreveu o livro O Discurso do Método, por volta de 1637, mas que mesmo assim é muito atual. Para ele, o método é a forma de se buscar a verdade para se atingir os resultados e que o homem não pode alcançar a verdade pura somente através de seus sentidos.

O bom senso é "o poder de bem julgar e de distinguir o verdadeiro do falso", e é a coisa mais bem distribuída entre os homens. E o é de tal forma que ninguém se julga dele querer mais do que já possui.

O método de Descartes é o método da dúvida. Para a razão bem funcionar, é necessário limpar o terreno da mente de todo preconceito, é preciso, num primeiro momento duvidar de tudo, principalmente o que já se tem estabelecido como verdade absoluta. Descartes começa a duvidar de todas as coisas em busca de uma verdade inquestionável na qual ele possa fundamentar sua filosofia.

O método de Descartes para conduzir os pensamentos, para se chegar a verdade se utiliza de quatro princípios: Princípio da evidência, princípio da análise, princípio da síntese e o princípio do controle.

Princípio da evidência: Significa ter clareza e distinção. Clareza significa o contrário de coisas ambíguas e distinção significa o contrário de confusão. Em resumo, devemos sempre verificar se temos evidências indubitáveis sobre o que queremos resolver ou alcançar.

Princípio da Análise: Significa dividir em partes menores, ou seja, dividir cada uma das dificuldades em tantas partes quanto possíveis e quantas forem requeridas para melhor resolvê-las. Em suma, seria a redução do complexo em partes simples.

Princípio da Síntese: Significa conduzir em ordem seus pensamentos, a começar pelos objetivos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como que por degraus, até o conhecimento mais complexo e supondo uma ordem entre aqueles que não precedem naturalmente uns aos outros.

Princípio do controle: Fazer enumerações tão completas e revisões tão gerais, até se assegurar que nada foi omitido, ou seja, revisar exaustivamente todas as conclusões até termos a certeza que nada ficou de fora.

O método, enquanto pensamento filosófico, é uma forma de pensar e refletir sobre os acontecimentos, coisas, objetos, muito além de sua pura aparência. Desta forma, podemos aplicar a filosofia a qualquer área do conhecimento. Por experiência, podemos afirmar que a utilização do método nas organizações pode trazer resultados ainda melhores aos que temos atualmente.

A Memória e o Têxtil

Relatos dos Fios das Minhas Memórias Jequitinhonhesas em Bordados

Parísina Ribeiro

Artista visual, professora de artes e pesquisadora

Relatos dos Fios das Minhas Memórias Jequitinhonhesas em Bordados, é uma série artística bordada que reflete observações, memórias e vivências narrativas e poéticas em arte têxtil da infância da artista. O ponto de partida é um mergulho nas memórias, com imagens que contam um pouco do processo criativo enquanto artista visual e pesquisadora independente sobre os patrimônios Culturais e suas Paisagens no Vale do Jequitinhonha, com recorte para o Alto Jequitinhonha, seguido de um relato breve. Para a produção artística foram utilizadas observações reais da arquitetura das cidades através de caminhadas, fotografias e miniaturas que fazem parte do meu acervo. Posteriormente foram pensados e criados esboços em papel e riscados diretamente no tecido. Na sequência foi realizada seleção de materiais de bordado diversas priorizando relevos, texturas, contrastes e jogos de cores.

Falar de memórias é mergulhar em tempos atrás... Para a artista, é voltar num passado não muito longínquo mas que atravessa algumas décadas em terras frias, e muito azuis! Segundo Dantas (2021), Memória é o armazenamento de informações e fatos

obtidos através de experiências ouvidas ou vividas. Relaciona-se fortemente à aprendizagem que é a obtenção de novos conhecimentos, pois utiliza a memória para reter tais informações.

Fios e Linhas que unem as montanhas, a delicadeza das sempre-vivas, a resistência do Congado e seus tambores do Rosário, as brincadeiras de criança com a inventividade e criação dos brinquedos, as histórias sobre escravos e tesouros nas noites de chuva, os desenhos da arquitetura colonial presente nas casinhas e igrejas do centro histórico, a música e o movimento das festas populares entre tantas outras compõem as minhas memórias.

Como unir tudo isso? O têxtil através das águas do Jequitinhonha tem este poder.

O têxtil está na convivência diária da casa e dos corpos. Vive-se o têxtil a cada e todo dia ao longo dos anos. São estas vivências guardadas na memória da cabeça e do corpo da artista que compõem sua poética e que são externadas através de seu processo criativo em sua narrativa visual.

"A curiosidade é constante sobre o processo criativo". (MACHADO, ano, p.157). Criar implica em expressar o que internamente a memória e o corpo carregam pelas vivências.

A artista lembra e relembra de sempre estar com lápis, pincéis, tesouras e incentivada pelo seu avô que também era artista, a criar seus desenhos e brinquedos de papéis como cirandas, bolas de queimada com sobras de tecidos e meia. Quando criança, por volta dos seus seis anos de idade, sempre junto à sua mãe crocheteira e bordadeira, brincava com as linhas, ora enrolando ou desenrolando os fios para sua mãe que dizia "dar linha" ou ainda com seus pequenos braços abertos segurar as meadas de "seda", na verdade rayon para serem transformados em novelos. Pouco tempo depois aprende a crochetar, com os pontos iniciais de correntinha e fazer vestidos para suas bonecas. Mais adiante aprende a bordar com lantejoulas e já era responsável por decorar suas fantasias de carnaval. Quando vai para a escola, aprende a fazer pontos de bordado em panos de prato. A correntinha, o ponto atrás, alinhavo e tantos outros começam a tomar forma na dança das linhas e agulhas.

As obras propõem um jogo de conexões entre as representações da memória, da linguagem e das narrativas da história da artista entremeado a alegria e luminosidade marca presente no Vale através de representações pictóricas figurativas utilizando a arte têxtil como linguagem e o bordado livre como técnica de expressão e representação através de pontos, fios e linhas diversas espessuras e tonalidades contendo jogo de luz e sombra, cores vibrantes, movimento e texturas.

As fronteiras do tempo representadas pelas lembranças, registros das memórias, as investigações e experimentações que resultam nas expressões artísticas tendo os fios do têxtil como ligações de todas estas vivências nos conduzem a uma rede de tessituras e tramações de saberes e fazeres Articulam desdobramentos a serem pesquisados, debatidos, construídos, apresentados e representados pelo fazer artístico. Contar histórias da vida com pontos, fios, nós, linhas, cores e tessituras ancestrais eis o desafio!

REFERÊNCIAS
Machado, Ana Maria, Texturas: sobre leitura e escritos, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001
DANTAS, Gabriela Cabral da Silva. "Memória"; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/psicologia/memoria-1.htm. Acesso em 24 de junho de 2021.

Océ Ano exposição

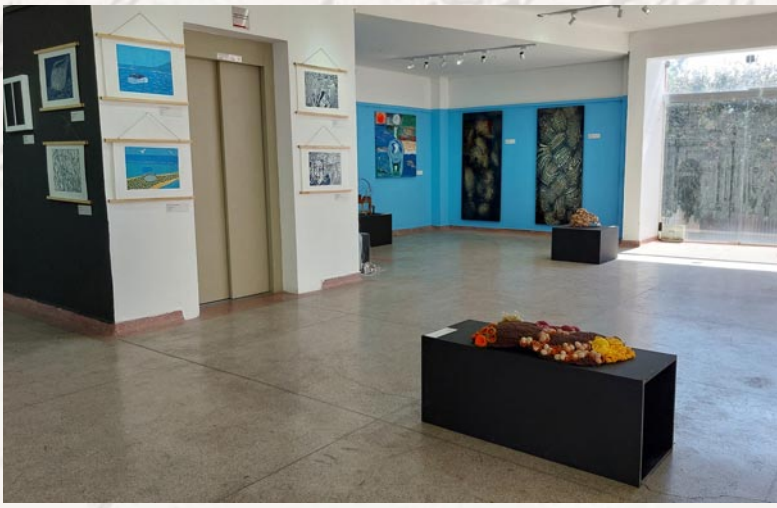
atende ao chamado da ONU para despertar consciência em torno da preservação e consumo consciente da água

O ITC - Instituto Totem cultural vem promovendo desde sua criação há 15 anos, o voluntariado, a arte e a cultura. ele tem por objetivo, individualmente ou em associação com outras entidades: identificar e promover a producão cultural e artística brasileira, fomentando sua diversidade, e intercâmbio com outras culturas.

Artistas do Grupo Matilha na Océ Ano

Alex Állen; Ana Maria Reis; Adriano Gambim Rocha; Antonio Edson; Cibele Pilla; Claudia Seber; Débora Amaral; Dimitri Lee; Elsa Farias; Laura Ancona; Lica Cruz; Marcelo Lopes; Marinilda Boulay; Maurício Ferreira; Rogério Morais Martins; Sanagê Cardoso; Sérgio Andrejauskas. Artista convidada Tania de Maya Pedrosa

Exposição e catálogo on line, acesse: totemcultural.org.br/expo



A exposição coletiva "Océ Ano" atende ao chamado da Organização das Nações Unidas (ONU), que declara a Década do Oceano de 2021 a 2030, trazendo sua colaboração através da arte para despertar consciência em torno da preservação e consumo consciente da água, e tentar assim reverter o ciclo de declínio na saúde do oceano criando melhores condições para concretizar o seu desenvolvimento sustentável.

"Océ Ano" é apresentada pelo grupo de pesquisa em artes visuais "Matilha". Criado em 2020 durante a pandemia causada pela Covid, 19, esse grupo soube romper o isolamento social com reuniões semanais on line, e segue acreditando na potência transformadora da arte e

na busca de superação das adversidades. Insistindo com muita disposição em sair da banalização dos dias, criando uma história que promove a união através do Belo.

Com curadoria geral de Oscar D'Ambrosio e participação com textos reflexivos de 2 outros curadores e críticos de arte: Carlos Perktold e Sandra Makowiecky, "Ocê Ano", é a segunda exposição da "Matilha" enquanto grupo, o qual é composto por 17 artistas de 11 cidades de 4 Estados (Minas Gerais, Piauí, Santa Catarina e São Paulo) e do Distrito Federal. Na "Ocê Ano" eles apresentam obras em pintura, gravura, objeto sonoro, fotografia, escultura em cerâmica, arte têxtil, móbiles, videoarte, azulejaria, e instalação.

A divisão da palavra OCEANO em OCÊ e ANO no título busca estimular o diálogo desta exposição com o público. É proposta a participação dos visitantes e uma interação deles com os criadores visuais de modo que deixem de ser meros observadores para se tornar parte integrante do processo expositivo, através de ações educativas de mediação e oficinas com grupos

organizados provenientes de escolas das cidades por onde a exposição faz sua itinerância. Durante as oficinas na cidade de Socorro, por exemplo foi criada uma obra coletiva: « Da nascente ao mar », a qual permaneceu como parte integrante da exposição no espaço dedicado ao educativo; outra atividade interessante foi desenvolvida pelo artista Sanagê, que realizou uma oficina/performance com alunos de uma escola municipal da cidade, finalizando com eles sua escultura apresentada na exposição.

A "Ocê Ano" ficou do 25 de março ao 13 de maio passado no Museu Municipal de Socorro-SP. Ela segue para a cidade de Embu das Artes-SP em agosto, passa pelo Centro Cultural Santo Amaro na capital paulista em setembro, em seguida estará em Catanduva-SP no mês de outubro.

Exposição OCÊ ANO
Década do Oceano (2021 – 2030)

A principal motivação para a Organização das Nações Unidas (ONU) declarar o período 2021 – 2030 como a Década do Ocea- no (https://www.oceandecade. org/br/) é a busca de unir esfor- ços de todos os setores relacionados direta ou indiretamente ao tema para reverter o ciclo de declínio na saúde do oceano e criar melhores condições para concretizar o seu desenvolvi- mento sustentável.

Segundo a Organização Hidrográfica Internacional e a National Geographic Society, enquanto os 113 mares existentes são limitados ou cercados quase que totalmente pelos continentes; os cinco oceanos (Atlântico, Pacífico, Índico, Árti- co e Antártico) que os cercam, são muito maiores.

A divisão da palavra OCEANO em OCÊ e ANO busca estimular o diálogo desta exposição com o público, propondo uma participação dos visitantes e uma interação entre o artista criador, a obra proposta e o público, de modo que deixe de ser mero observador para se tornar uma parte integrante do processo expositivo.

Isso leva a pensar a obra de arte como resultado de uma série de transformações. O mesmo ocorreu com o termo "ocê", que provém de uma metamorfose, iniciada, no século XVI, com a separação do galego do português. Surgem então expressões como "vossa graça", "vossa excelência" e "vossa mercê", a mais frequente, que se tornou alvo de mais modificações fonéticas e semânticas.

"Vossa mercê", percorreu os seguintes estágios: "vossemecê", "vosmecê" e "você", termo que se referia à segunda pessoa, com uma origem mais formal, utilizado para a realeza, enquanto o "tu" era então mais usado dentro das famílias, como permaneceu no Sul do País.

A expressão "vosmecê", porém, foi se popularizando, abandonando a origem res- peitosa e, ao mesmo tempo, perdendo substância fonética, dando origem ao pronome "você" e às formas "ocê" e "cê", enquanto expressões como "vossa excelência" ou "senhor" passaram a indicar respeito.

Portanto, tratar o OCEANO como OCÊ indicia uma intimidade com um mundo de extensão de água salgada que corres- ponde a 97% da hidrosfera e a 71% da superfície do planeta Terra, sendo que mais da meta- de dessa área tem profundidades superiores a 3 mil metros.

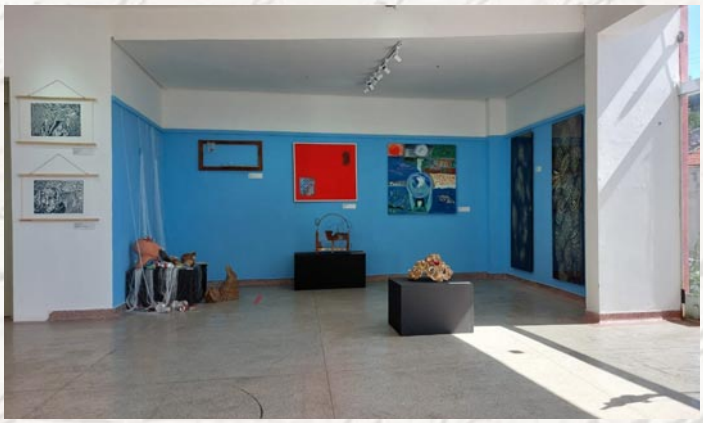
Nos dez ANOS da Década do Oceano, mergulhar nessas co- notações é um ato de diálogo pessoal e coletivo que conecta indivíduos, sociedade, natureza e universo.

Oscar D'Ambrosio
oscardambrosioinsta
Pós-doutor e doutor em Edu- cação, Arte e História da Cul- tura, mestre em Artes Visuais, jornalista, graduado em Letras, crítico de arte e curador

Oceano, o mar e suas idades

A relação do homem com os oceanos e com o mar, formou sociedades e civilizações, mecanismo de desenvolvimento material e de pensamento simbólico no Ocidente, desde a Idade Média. Procurou-se nessa exposição, identificar as matrizes do seu imaginário através do trabalho dos artistas. É enquanto problema dotado de uma perspectiva histórica que a obra se oferece ao juízo contemporâneo. O mar gera atitudes de melancolia e desejo de viagem, que são mecanismos universais de comunicação. A imagem é a forma do que aparece, ela é, ambivalentemente, abertura da irrealidade e súbita torrente do exterior, estabelecendo assim uma ponte entre as possibilidades da imaginação e o impossível do real. A imagem criada pelo artista é algo completamente diferente de um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma marca, um sulco, um vestígio visual do tempo que ela quis tocar. Como é afinal o oceano nas representações de nossos artistas? Será que ele é mesmo muito vasto para nossa pequena barca?

Sandra Makowiecky
Professora de Estética e História da Arte do Centro de Artes da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, membro da Associação Internacional de Críticos de Arte - Seção Brasil AICA UNESCO e da ABCA - Associação Nacional de Críticos de Arte.



Projeto Ocê Ano

A presente exposição quer, além de mostrar os trabalhos do Grupo Matilha, chamar a atenção do Ocê-Ano que há em volta deste Planeta Azul e em todos nós. No planeta é hora de chorar um mar de lágrimas pelo que certos comandantes de grandes navios fazem com os oceanos que, sem pudor, jogam óleo, lixo e até containers sempre longe dos olhos de todos por se sentirem criminosos. Enquanto isso, os banhistas não são muito diferentes quando deixam o mesmo lixo em menor escala nas praias na esperança de que as prefeituras darão conta de tudo. Não dão.

Queremos denunciar, mais uma vez, o horror de tudo isso com o velho clichê que anda por pessoas mal informadas de que o próprio oceano "dará conta disso". Não dará. Um dia, a situação será de difícil solução, idênticos àqueles nossos conflitos internos que viram um oceano dentro de cada um de nós sem que possamos resolvê-los sem tragédia. Nossa esperança é que eles, nos mares ou internamente, sejam resolvidos à medida que o tempo, a maturidade e as experiências de vida criem a certeza de sua solução.

Por tudo isso, nosso Grupo mostra o que todos já sabem. Somos como certos incansáveis guerreiros que, de gota em gota, deixam registradas as esperanças de um ocê-ano melhor.

Carlos Perktold

Psicanalista, integra a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA).

Em Socorro a exposição compreendeu um importante projeto educativo com visitas monitoradas, oficinas e criação de obras coletivas

Socorro Evangelista

Dedico a minha família, filhos netos, bisneto, genros e nora. Meus amigos. Minha gratidão.

Trocando saberes

A sensibilidade em especial do artista flui a flor da pele. Certa vez não recordo o nome do autor " o artista é diferente, veem o que as pessoas comuns não veem, sentem o que outras pessoas não sentem" assim, sabemos que o ser humano é diferenciado, cada um com seu modo de ser. O artista é mais sensível, inquieto, questionador, um pesquisador na sua área. Buscando, renovando suas aptidões falada escrita.

A arte é um campo aberto a novos questionamentos e leituras infinitas. O artista é um operário, sem hora para trabalhar quer vasculhando, descobrindo, um pesquisador incansável, buscando conhecimento, experimentando, moldando, descobrindo materiais naturais e convencionais. Leituras colhidas na natureza, leituras de tradição. O artista é um pesquisador atento as leituras científico acadêmico/popular. Um aprendiz das leituras da vida, um alquimista manuseando suas descobertas em laboratório, ou em seu atelier particular.

O artista é um estudioso na expressão de sua arte; teatro, dança, cinema, artes visuais, poesia entre

tantos produtos da sua criatividade. Seu objetivo é se comunicar com o público, seja num salão de artes, lançamento de obras de arte, no palco conserto musical ou canto, seja no teatro, cinema, recital poético, peça de humor, dança... seu objetivo é transmitir alegria, focar o olhar a contemplação, comunicar-se com o público. Fazer o outro feliz. O artista se sente realizado quando é aplaudido. A arte não tem preço dada a capacidade de doar sua criação, sua sensibilidade, seu sorriso, seu abraço de gratidão. O artista também é esse mesmo ser que eleva alegria, por traz do palco muitas vezes, sofre e chora. Sua arte é fruto do amor por amor.

Concordando com Frederick Taylor em 1945 “as pessoas precisam de artes muitos intuitivamente sentem que precisam dela”.

É importante que as autoridades na área da cultura, possa investir, valorizar e divulgar o artista e sua produção de arte na sua região. O artista é também um pensador, seu trabalho deve estar ativamente presente no lar, na escola, no palco, na rua.

Falar sobre o artista suas dúvidas é uma tarefa genuinamente desafiadora, tatuada pela complexidade do mistério, da magia, no processo da criatividade. Assim, “ o ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez a de relacionar, ordenar, configurar, significar”. Fayga ostroxer

Ignorar a produção da criação artística é um ato de desconhecimento, falta de sensibilidade, seja arte erudita, clássica ou popular, todas de igual valor. A arte é uma ciência que interage com outras ciências não só as humanas. Alunos universitários precisam exploras suas investigações científicas, teóricas, nas bancas de mestrado e doutorado no campo das artes.

“ Passos importantes na administração de conflitos culturais puderam ser vistos na habilidade de expressar pela arte os aspectos positivos e negativos de suas experiências de vida”.

Selma Ciornai

“As atividades artísticas desempenharam um papel fundamental no processo de integração de Rita no grupo pois ela expressar nos desenhos colagens e esculturas de barro, sentimentos e situações sobre os quais não quero falar abertamente”.

Selma Ciornai

O homem necessita de arte não só o belo, a decoração, mas como fonte de lazer, como fonte de renda familiar, atração e divulgação turística. O papel da arte é importante para o benefício da saúde e das questões sociais.

O historiador Moura sobral alerta sobre a importância da arte em casos especiais, “deve ter um alcance social imediato”, um alerta em benefício da natureza, os animais, a humanidade. Pound mencionou o artista como antena de seu tempo, concluo, dizendo, a arte abraça, contempla, comunica-se doa-se a todos nesta diversidade.

Socorro Evangelista

Carmézia Emiliano,

nas histórias das artes visuais brasileiras

Marinilda Boulay

Artista, curadora e pesquisadora. PhD em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Sorbonne Nouvelle - Paris III, França. Presidente do ITC, Instituto Totem Cultural (totemcultural.org.br/expo).

Na última edição da «Paleta» iniciamos esta série de artigos em torno das mulheres que fazem a história das artes visuais brasileiras, apesar de inseridas em um sistema das artes marcado pelo privilégio masculino e branco, com uma estrutura essencialmente eurocêntrica, que precisa ser superada ao lado de outras questões como a heteronormatividade.

A maior parte dos nossos museus tem uma presença de artistas mulheres em suas coleções muito inferior em comparação aos artistas homens. Na contra-corrente deste sistema o MASP, Museu de Arte de São Paulo, na capital paulista, vem desenvolvendo desde 2016 uma série de exposições, seminários, e cursos, que demonstram sua intenção de dar voz à igualdade de gênero, à inclusão, à diversidade, e às narrativas historicamente marginalizadas, como a série de «Histórias» realizada pelo Museu, compreendendo: Histórias da infância (2016), Histórias da sexualidade (2017), Histórias afro-atlânticas (2018), Histórias das mulheres, Histórias feministas (2019), Histórias da dança (2020), e Histórias brasileiras (2022). Nossas Histórias, no plural, indicam que não existe uma só memória, um só relato, uma só narrativa definitiva, as Histórias compreendem um processo aberto, que inclui muitas narrativas, inconstantes, insurgentes, e muitas vezes em conflito.

Na retrospectiva do coletivo artístico feminista norte-americano, "Guerilla Girls" no MASP em 2017, lemos a seguinte mensagem estampada em um dos cartazes realizados pelo coletivo especialmente para a ocasião: "As mulheres precisam estar nuas para entrar

Carmézia Emiliano, « Sereias », OST, 70 x 90 cm.
Acervo Augusto Luitgards.

no MASP? Apenas 6% do total de artistas das coleções que estavam em exibição (no acervo permanente do MASP em 2017) eram mulheres; por outro lado, 60% das obras representavam nus femininos. » O coletivo trata aqui das dificuldades em ser uma artista em um mundo da arte e uma história da arte dominados pelos homens. A mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem e a partir do olhar do homem. Em 2019 temos outro exemplo de ação na tentativa de despertar para a necessidade de transformação desse panorama quando o MASP realizou as « Histórias das mulheres, Histórias feministas », promovendo a ação #8M no Dia Internacional da Mulher, quando além de não cobrar ingressos para elas, buscando incentivar a frequentação feminina, todas as obras produzidas por artistas homens expostas foram viradas de costas para o público, e apenas aquelas criadas por artistas mulheres permaneceram em sua posição original. Provocando estranheza nos visitantes, o MASP escancarava « imageticamente » a disparidade entre gêneros. O MASP foi assim abrindo cada vez mais espaço para elas com Maria Auxiliadora, Sônia Gomes, Lúcia Laguna em 2018, no ano dedicado às « Histórias Afro-Atlânticas ». Leonor Antunes; Anna Bella Geiger; Anna Maria Maiolino; Tarsila Popular; Lina Bo Bardi; Beatriz Milhazes e Djanira no ano que foram realizadas as coletivas: « História das Mulheres artistas até 1900 »; « Histórias feministas: artistas depois de 2000 » e « Acervo em transformação - Mulheres a frente » em 2020. Ione Saldanha; Maria Martins; Gertrudes Altschul; Zahy Guajajara; Erika Verzutti; Regina Vater; Conceição dos Bugres; Ana Pi em 2021. Cinthia Marcelle; Madalena Sanches Reinbolt; Judith Lauand; Aline Motta; Joseca Yanomani; Melani Smith; Letícia Parente; no ano da coletiva « Histórias Brasileiras » em 2022.

Neste ano o MASP apresenta a exposição individual da artista, mulher, autodidata, e indígena «Carmézia Emiliano: a árvore da vida». Sombreada pelas matas e permeada pelas águas grandes dos rios Tacutu, Maú, Surumu, Miang que vivem dentro dela, Carmézia concebe visualidades que pensam e projetam a ancestralidade do povo Macuxi do qual ela faz parte : vidas que nunca deixaram de ser vividas por sua mãe, por ela, pela maloca, por um corpo maior que une gerações, insistem em continuar a viver através das 35 obras apresentadas pela artista.

No inicio era o Sol, criador do fogo, e seus filhos. Deles nasceu o povo Makuxi, guardiões protetores da entrada para o interior da Terra: uma galeria de cavernas ocas, repletas de poder e riquezas. O Povo Makuxi encontra-se espalhado na região circum-Roraima, cujo ponto “zero” é o Monte Roraima, em formato de mesa bastante característico do planalto das Guianas, que segundo a tradição oral desse povo, originou-se do tronco cortado da Wazaká – a árvore da vida, que dá seu nome à exposição, sendo ali a morado de Makunaima, um dos índios que não queria que a Wazaká fosse cortada[1].

Carmézia Emiliano, « Damurida »,2020. OST, 50 x 70 cm.
Acervo Augusto Luitgards.
Peixe, tucupi e muita pimenta são ingredientes do « Damurida » um dos principais pratos da culinária indígena de Roraima.

Carmézia Emiliano, « 25 anos fazendo arte », 2017. OST, 120 x 80 cm.
Acervo Augusto Luitgards.
Esta obra foi realizada pela artista em 2017 para comemorar seus 25 anos de pintura. A imagem central registra a criação do mundo, segundo o povo Macuxi, ao qual ela pertence. Em torno dessa imagem, há 24 obras com alguns dos temas que ela pintou nesse tempo. Há, portanto 25 obras correspondentes aos 25 anos de carreira da artista.

É nesse espaço geocosmogônico que está inserida e floresce a artista Carmézia Emiliano, e sua visualidade. Ela nasce em 1960 na fronteira brasileira com a Guiana. Muda para o Brasil entre 12 e 13 anos de idade a partir de quando é criada na Maloca do Japó, na região de Normandia, terra indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima. Decide sair da maloca para trabalhar com os brancos. Já em Boa Vista, encontra o artista circense Léo, com quem se casa e em 1992 visita pela primeira vez uma exposição. Alí encontra Eliakin Rufino, integrante do movimento Roraimeira, que lhe oferece sua primeira tela, pinceis e tintas. 2005 representa um marco divisório na sua carreira. Carmézia encontra com Augusto Luitgards, professor universitário e colecionador, figura chave para a afirmação de Carmézia Emiliano enquanto artista, fomentando seu percurso.

A obra de Carmézia Emiliano apresentada no MASP denota resiliência muito mais do que resistência, interagindo com os mundos, subvertendo os efeitos da ocupação indígena no extremo norte do país, que segundo Elimacuxi[2] remontam a tempos imemoriais, ainda antes da chegada do europeu, e consequente estabelecimento da colonização, que tem seu marco inicial na região em 1775. É na chegada do colonizador que o macuxi foi chamado de índio, e o colonizador de branco.

Carmézia compõe com a polidiversidade, como parte de um um povo sobre o qual, segundo o artista makuxi Jaider Esbell « o processo de colonização não conseguiu ainda se fazer plenamente » .

A alma coletiva é uma realidade espiritual que abrange não somente os humanos, mas a integração da sua alma com a alma da natureza, a obra visual de Carmézia Emiliano apresentada no MASP, vem contribuir ao entendimento e desenvolvimento dessa questão universal, e leva ao florescimento da sua «Árvore da vida» nas histórias das artes visuais brasileiras.

Carmézia Emiliano, « A Lenda do Caracaranã », não datada. OST, 80 x 80 cm.
Acervo Augusto Luitgards.
O Lago do Caracaranã é um lago localizado na região do município de Normandia (Roraima), dentro da reserva indígena Raposa e Serra do Sol, com praias de areia fina cercadas por cajueiros nativos, onde Carmézia foi criada a partir da idade de 13 anos.

Wazaká – A árvore da vida

Carmézia Emiliano, « Dança do beija-flor », 2010. OST, 70 x 90 cm.
Acervo Augusto Luitgards.
Ritual de agradecimento à natureza transmite saberes e visão de mundo, valorizando a identidade indígena.

Era um tempo de muita escassez de alimentos na terra, quando os irmãos Makunaima, Aniké e Insikiran observaram que uma cutia que vivia entre eles tinha o hábito de sumir, sem ninguém soubesse onde ela estava. Num dia em que a cutia estava dormindo de boca aberta, eles perceberam que havia restos de comida nos dentes dela.

Certa vez, os três irmãos decidiram segui-la, de longe, para ver onde ela encontrava comida. Depois de andarem muito, varando a mata e as serras, eles chegarem num local onde havia uma grande árvore sob a qual a cutia comia sem parar as frutas da árvore que estavam no chão. Da mesma árvore, caíra coco tucumã, banana, caju , cana de açúcar e mamão. Eles puderam comer todos as frutas que estavam no chão, mas não tinham como comer as que estavam no alto da Wazaká. Aniké e Insikiran improvisaram o primeiro machado, que era de pedra, e começaram, contra a vontade de Makunaima, a golpear a árvore.

Com a queda dela, seus galhos, que se espalharam em terras brasileiras, guianenses e venezuelanas, se transformaram em rios, tornando-as férteis e os rios eram fartos de peixes, que passaram a alimentar os Macuxi.

O toco da Wazaká transformou-se no monte Roraima, que é considerado como a morada de Makunaima.

Carmézia Emiliano, « Tocaia », OST, 80 x 80 cm.
Acervo Augusto Luitgards.

[1]Inserimos no final deste projeto um anexo com a versão mais difundida da história da Wazaká, a árvore da vida.
[2]MARTINS ELIMACUXI, Elisângela; MORENO, Adriana; Visualidades, Carmézia Emiliano, Boa Vista, Editora da UFRR, 2015.
[3]Fonte: AUTODECOLONIZAÇÃO – UMA PESQUISA PESSOAL NO ALÉM COLETIVO jaideresbell.com.br/site/2020/08/09/auto-decolonizacao-uma-pesquisa-pessoal-no-alem-coletivo/: Acesso em 02/04/2022

BIBLIOGRAFIA

ANATER, Roseli, Pintar para não esquecer. As narrativas visuais e orais de Carmézia Emiliano. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Roraima, Roraima, 2014.
BARBOSA, Ana Mae, Entre Culturas. In: Bienal Naïfs do Brasil 2006. São Paulo, Edições SESC/SP, 2006.
CERTEAU, M. de, A cultura no plural. Campinas, SP, Papiruas, 1995.
D'AMBROSIO, Oscar. O que é a arte naïf: os doze princípios do artista naïf. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5RPeoygG4HY Acesso: 10/12/2021
ESBELL, Jaider, Makuanimã, o Mito através do tempo. São Paulo, Editora Elefante, 2019
ESBELL, Jaider, Autodecolonização – Uma pesquisa pessoal no além coletivo jaideresbell.com.br/site/2020/08/09/auto-decolonizacao-uma-pesquisa-pessoal-no-alem-coletivo/: Acesso em 02/04/2022.
JUNG, C.G. Commentaire sur le mystère de la fleur d'or. Traduzido do alemão por Étienne Perrot Paris, Éditions Albin Michel, 1994, 2021.
MARTINS ELIMACUXI, Elisângela; MORENO, Adriana; Visualidades, Carmézia Emiliano. Boa Vista, RR, Editora da UFRR, 2015.
MILLIET, Maria Alice, Por que a arte naïf hoje? In: Naïfs: Bienal Naïfs do Brasil 2010. São Paulo, Edições SESC/SP, 2010
TERENA, Naine, curadoria; MUNDURUKU, Daniel, textos (et al.). Véxoa: nós sabemos. São Paulo, Pinacoteca do Estado, 2020.
VIEIRA, Jaci Guilherme. Missionários, Fazendeiros e Índios em Roraima: A Disputa pela Terra - 1777 a 1980. 2003, 234f. Tese (Doutorado em história do Brasil) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2003.
https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017, Acesso em 24.05.2023
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4702118/mod_resource/content/1/MASP%20entre%20Guerrilla%20Girls%20e%208M%20-%20final_comentado.pdf Acesso em 24.05.2023

Caius Marcellus

Turismólogo/ Especialista em Educação e Sustentabilidade Ambiental/ Guia de Turismo Nacional/ Regional/ Mercosul.

Religando saberes

Prátricas da educação no turismo

As análises feitas e desenvolvidas no campo de pesquisa, onde o resultado é fruto e objeto fundamental para mostra de conclusão, nos conduz a paralelo de comportamento transdisciplinar na abertura de novos contextos comportamentais que levem não a exatidão, mas a possibilidade de mudanças em uma sociedade que acompanha o capitalismo econômico. O turismo como ferramenta de consumo vem desenvolvendo ao longo das décadas moldes que estão diretamente ligados a globalização e a história da educação. É um resgate social que alcança dimensões incalculáveis seguindo a linha de pensamento de Paulo Freire quando se trata de unificar a EDUCAÇÃO, seja ela em qual dimensão esteja classificada. As diferentes ramificações da prática do turismo, fez com que as universidades estudassem o fenômeno; analisando comportamento e entendendo que é possível transformar para melhorar. O comportamento humano é complexo e nos leva a estudos aprofundados na antropologia do saber. Mas que práticas temos apresentado na velocidade digital que interpreta os saberes?

A educação mundial passou por mudanças drásticas que afetaram e ainda afetam o comportamento das pessoas. O afastamento humano, a introdução das máquinas criou um mecanismo de que somos capazes de através de um CLIK satisfazer ao desejo. Mas o viajar tem voltado no tempo com a necessidade urgente de contato físico, de ouvir o simples e transformar o complexo na reforma do pensamento com atuações mais humanizadas,

ver-se com releituras da dinâmica corporal, é a experiência contextualizada na arte e na poesia, a simplicidade que se alinha a novas tecnologias.

Segundo Edgard de Assis Carvalho " o conhecimento científico pode ser definido como o discurso do homem sobre sua experiência na terra (2003.pg 69)". A modernidade da educação deve concentrar-se nos saberes universais, enfrentando desafios e criando novas formas de

se deixando quebrar paradigmas. É certo que profissionais de diferentes áreas devem entender suas dimensões. Não se admite erros do passado uma vez que temos um diagnóstico que foi estudado para que não cometêssemos os mesmos

compreensão. Fomentar identidades entre ciência e arte, ciência e tradição e que estimule a religação entre razão e sensibilidade. É se permitir e descobrir o universo amplo das religiões e suas sabedorias sistematizadas ancestrais. Os saberes estão di-

erros. Estar atentos é fundamental para marcar ponto na nova interpretação do saber. A velocidade digital é um fenômeno de massa e está o tempo todo em transformação. Fazer Turismo é a cima de tudo estar preparado para as diferenças, as novidades que o mercado apresenta sem perder a sensibilidade do humano, do sentir, do agir e estar pronto a se doar. É a educação que permite o encantamento de mergulhar em novos oceanos, em novas moradias, em novas cabanas com sua singularidade. Fazer turismo é abraçar a educação do novo século, envol-

retamente ligados a existência humana no campo do sagrado.

Para que possamos caminhar nas leituras universais devemos seguir as placas, cobrar de nossos setores competentes que redistribuem a cartilha do B a BÁ focados em unanimidade na dimensão da prática do querer pesquisar descobrindo infinitos mundos, incalculáveis terras longínquas que nos permitam entender e ter o resultado para que através da preservação dos SABERES, possamos ter um globo mais equilibrado e um sujeito humano mais capaz de se reinventar na prática do saber.

A Nova Fotografia Potiguar

Alex Gurgel
Fotógrafo, jornalista e professor de fotografia

A primeira fotografia produzida em Natal foi feita em 1982, pelo alemão Bruno Bougard, quando esteve no RN a serviço do então governador Tavares de Lira. De lá para cá, a fotografia potiguar passou por vários estágios e fotógrafos, como Manoel Dantas, no início dos anos 1920, que foi historiador, juiz de direito, jornalista e fotógrafo. Numa crônica de Câmara Cascudo, no seu "Acta Diurna", Cascudo escreve: "e lá vem o doutor Manoel Dantas com sua inseparável Rolleiflex".

Nos anos 1940 até 1960, o fotógrafo Jaecy fez a leitura visual urbana de uma Natal Moderna de pós-guerra. Até hoje, as fotografias de Jaecy servem de base para contar a história de Natal, afinal a história é contada por aquilo que a gente consegue ver e a fotografia é uma linguagem indispensável nessa narrativa. Nessa mesma época, havia os fotógrafos Deodato, Rodrigues e Waldemir Germano, fazendo fotografias de pessoas (retratos) nos eventos como aniversários, casamentos, debutantes (15 anos), além de festividades como Carnaval, São João, desfile de Sete de Setembro, Reveillon, entre outros.

Já nos anos dois mil, surgiu a ONG Zoon com a proposta de propagar a fotografia como arte visual, sob o comando do fotógrafo Henrique José. Em 2012, surgiu a escola de fotografia Engenho de Fotos com a proposta de ensinar fotografia, abrindo novas possibilidades e democratizando a fotografia para um grupo cada vez maior de pessoas. Ainda em 2012, o Engenho de Fotos em parceria com a Associação Potiguar de Fotografia (Aphoto) realizaram o 1º Foto RioGrafia do Norte e em 2014, o 2º FotoRioGrafia do Norte, estes eventos aconteceram no

auditório do IFRN da Cidade Alta, em Natal, e teveram como objetivo, reunir um público local, regional e nacional com interesse nas diversas áreas da fotografia, envolvendo diferentes atividades como, oficinas, palestras, leitura de portfólio, lançamento de livros e exposições para profissionais e amadores.

Atualmente, vários nomes se destacam na fotografia feita no Rio Grande do Norte, que nos remete a um deleite fotográfico em qualidade e criatividade. Em Natal, o Poty Foto Clube, dirigido por Delson Cursino e Marcos Cavalcanti, reune a fina flor da fotografia natalense, uma entidade que visa estudar fotografia enquanto promove discursões sobre vários temas. Na fotografia de casamento um nome novo e com muito talento é o Raj, que vem fazendo um trabalho sensacional e criativo. Na fotografia de pets, Noélia Alves, que vem clicando gatos e cachorros com um olhar humanizado e cheio de harmonia. Na macrofotografia, Pedro Morgan de Currais Novos/RN fotografa insetos com arte e paciência. Na astrofotografia, Márcio Alves, que vem incentivando novos artistas a se aventurarem na noite e na paciência em busca de estrelas. Nas fotosgrafias de passarinhos, Severino Neto, que se destaca pelas fotografias bem elaboradas e com alta qualidade técnica. No fotojornalismo moderno, o destaque vai para Flávio Rezende, que encontrou na fotografia uma motivação de continuar seu ofício de jornalísta, narrando histórias do cotidiano através de suas lentes.

No interior do Rio Grande do Norte, também há grande profissionais da fotografia fazendo arte como gente grande. Em Mossoró, Luciano Lellis continua seu trabalho de retratista fazendo fotografias da sociedade mossoroense. Pacífico Medeiros é outro artista das lentes mossoroenses, que também faz oficinas de fotografia, ampliando o espaço para novos fotógrafos. Ricardo Lopes é um nome consolidado em Mossoró que rescentemente lançou um livro de fotografia chamado Legado, aonde o fotógrafo agrega parte do seu arcervo e de sua carreira nas páginas do livro.

A fotografia potiguar segue se renovando com cursos, workshops e expedições fotográficas, promovidas pelo Engenho de Fotos, abrindo e possibilitando o surgimento de novos fotógrafos que se revelam como outros tantos, com arte e muito talento para escrever o mundo com a mágica luz. Em agosto, quando se celebra o Dia Mundial da Fotografia (19 de agosto), o Poty Foto Clube está preparando uma exposição fotográfica com seus membros que acontecerá no Bardallos, um bar cultural no bairro Cidade Alta, em Natal, celebrando a fotografia potiguar e jogando luz aos membros que vão mostrar as belezas do RN com belas imagens. É aguarda que chegue agosto e vislumbrar o que vem por aí na fotografia.

Dione Caldas

Artista plástica

Isaura Rosado

toma posse na Academia Norte-rio-Grandense de Letras

Isaura Amelia Rosado Maia tomou posse na cadeira 32 da Academia Norte Rio Grandense de Letras, em 08 de maio de 2023. O lugar já foi ocupado por Geraldo Melo, Francisco Fausto, João Batista Machado, João Batista Cascudo Rodrigues e Tércio Rosado (Fundador).

Nascida no dia 09 de novembro de 1947 em Mossoró, é filha do ex-governador Dix-Sept-Rosado Maia, que morreu em um trágico acidente aéreo em exercício de seu mandato. É formada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Doutora em Sociologia pela Universidad de Salmanca na Espanha.

Comprometida com a cultura e a arte no Rio Grande do Norte, sempre se preocupou em manter viva a memória dos artistas potiguares. Podemos citar, como contribuição de sua trajetória, “A Chuva de Bala” e “Auto do Natal”, como também o brilhante trabalho na Sociedade Amigos da Pinacoteca, uma instituição sem fins lucrativos. Além disso, o seu currículo inclui exposições, catálogos, e livros de sua autoria.

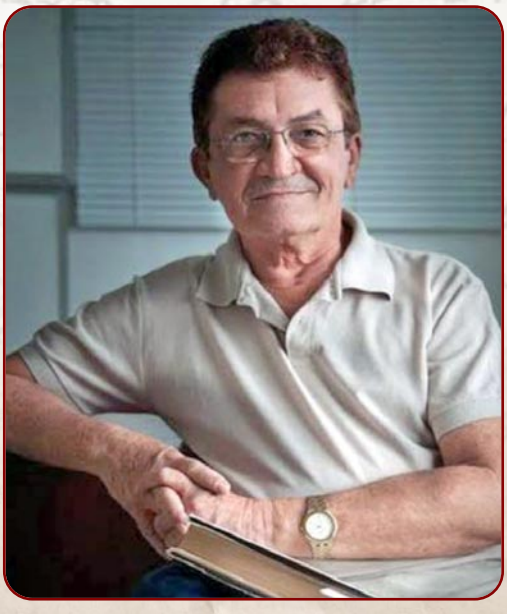
Seu mais recente feito é a parceria com a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) para a criação de uma pinacoteca, denominada PIN-PINACOTECA E MEMORIAL UFESA MOSSORÓ, que abrigará 1.111

obras de arte, de sua propriedade e da instituição.

Isaura nos mostra em suas palavras no discurso em sua posse que veio para somar à instituição “quero contribuir no que diz respeito a pesquisa, à memória , ao regate e ao estimulo, à pratica artística especialmente como todos sabem da minha longa relação com a gestão pública cultural, com o incentivo às artes plásticas, artes cênicas, e as publicações e pesquisas, são esses os lugares simbólicos onde encontro o meu fazer que alguns poderiam chamar de trabalho e eu chamo de deleite”.

A estética na arte popular

a arte bruta



Iaperi Araújo

Médico, escritor e artista. Da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Presidente do Conselho Estadual de Cultura e da Sociedade de Amigos da Pinacoteca (RN)

A estética da arte popular, apesar de se reger pelos princípios gerais da estética, segue cânones particulares que guardam na sua essência as tradições que mesmo em pleno século XXI são quase imutáveis pois obedecem a modelos tradicionais que se constituem na base da cultura de cada povo. Os elementos da pintura popular estão mais próximos das pinturas rupestres com sua diversidade, simplificação de modelos, cores fortes, figuras fortalezadas e não obediência às proporções do que a pintura considerada erudita. As pinturas rupestres parecem narrativas dos acontecimentos tribais. Caçadas, disputas por territórios, rituais religiosos e até visitantes que incrivelmente se parecem com seres extraterrestres. Objetos voadores como naves espaciais, figuras aladas com as cabeças cobertas por capacetes e tubos e fios protegendo-os da atmosfera terrestre.

O grande mistério desses painéis rupestres em muitos sítios históricos da antropologia brasileira é a

serventia. Seriam narrativas de fatos vividos? ou simplesmente registros mágicos de presságios para que acontecessem? como um ritual para alcançarem boas caças, encontros com outros seres, desejos de procriarem e buscarem novos campos de vida, usando inclusive barcos? A mais plausível das hipóteses seria a narrativa de fatos vividos, vez que o desenvolvimento cerebral das áreas da criatividade de narrativas, nesses habitantes ainda não teriam um desenvolvimento suficiente para alimentarem casos imaginados. De qualquer forma, essa herança ancestral foi mantida na criatividade dos artistas populares. Os pintores de decoração de bares com sereias, animais fantásticos e mandalas com intensa mistura de cor estariam apenas narrando sonhos ou vivencias. Os elementos decorativos certamente foram herdados dos antepassados. Cruzes latinas, estrelas de Davi, crescentes e sois, na fachada das casas foram herdados dos latinos, dos árabes e de todos os magos que iluminavam as mentes daqueles povos, persistindo em qualquer lugar onde eles estivessem vivendo, como uma oferenda ao conhecimento ancestral. Buscar entender essa criatividade seria tentar descobrir por que nos tempos modernos e contemporâneos, pessoas ágrafas, vivendo na mais extrema miserabilidade, criam arte com todos e quaisquer materiais, disponíveis, obedecendo modelos mais próximos do desenho infantil do que da realidade vivenciada.

Muito provavelmente seja esta a razão de continuarmos a ignorar o significado da expressão “arte popular” e sua legitimidade, procurando, com definições sofisticadas, mascarar a expressão artística do homem do povo, depositário de uma arte que foi depurada pela crítica. (Meirelles 2001:s/p).

A arte comporta em si as mais diversas manifestações do homem. Ao criar, o artista não utiliza apenas a inteligência, a sensibilidade ou mesmo suas habilidades. O seu “saber” e o seu “fazer” estão ligados ao meio cultural e à comunidade. Em nenhuma expressão de arte a manifestação do coletivo é tão evidente como na arte popular, na qual a influência do meio se revela não somente de forma material, mas definitivamente, de forma psicológica. O artista popular não é, a rigor, um criador individual, uma vez que se encontra imerso no ambiente que determina sua própria individualidade. Quando, em desenvolvimento do seu processo artístico, seu espírito criador acaba entrando em comunhão com o absoluto, fonte prima de toda a criação, onde o resultado formal da sua obra é o fruto do seu labor sem dúvida, mas a sua criação pertence ao coletivo. O artista popular, humilde e desprestigiado, manifesta em seu trabalho criativo uma identidade coletiva que se reflete através em sua criação. A arte popular urbana recebe influências externas através dos modernos meios de comunicação, e que apesar de todos os apelos e seduções continua um artista popular.

Cronologicamente, Maria Antonia do Santíssimo (1890-1974) é a mais antiga das pintoras populares conhecida do RN. Descoberta por Iaponi (1942-1996) potiguar que morou por muitos anos no Rio de Janeiro, e que conseguiu expôr seus trabalhos em galerias de Copacabana (Goeldi) no MAM do Rio, na Galeria da FUNARTE (Projeto Arco-Iris) e Trienal de Pintura

Primitiva de Bratislava na Tchecoslováquia, integrando a representação oficial do Brasil. O crítico de artes Iaperi Araújo editou dois folhetos sobre a artista e em 2018 lançou o livro "Uma Canção Ingênua", pela Fundação José Augusto.

Outro artista potiguar da arte Bruta foi Antonio Roseno, natural de de Alexandria que fez toda sua vida como artista no interior de São Paulo, sendo descoberto pelo crítico de artes Geraldo Porto que o encontrou numa favela pintando com tinta esmalte em todas as bases possíveis como papelão, madeira e latas retirados do lixo. Antonio Roseno realizou uma exposição numa Galeria na Universidade de Campinas, mas através de amigos do seu descobridor, consegui inserir seus trabalhos no mercado de artes da Europa, tendo uma de suas pinturas sido escolhida para ilustrar a capa de um livro.

Como todo artista popular e inserido no conceito de Arte Bruta, Antônio Roseno usando tudo o possível como tinta e base do que pintava, fabulava com letreiros que compunham os espaços de sua arte que tinham como figuras centrais, pássaros, animais e políticos, sempre cercado de nomes, frases e desejos do pintor. Antônio Roseno não chegou a viver sua notoriedade pois morreu na mesma miséria em que viveu numa favela de uma cidade do interior de São Paulo.

Com esses dois ícones da arte bruta, o Rio Grande do Norte marcou definitivamente a história da arte popular brasileira, pois tanto Maria do Santíssimo quanto Antônio Roseno tiveram notoriedade nacional, registrados em trabalhos críticos dos mais importantes estudiosos de arte no Brasil. Acentue-se que além dos dois, um terceiro e quase desconhecido, o Sargento Epitácio, morando no lugar Estivas em Ceará Mirim, à margem de uma rodovia estadual, fora descoberto pelo médico e colecionador de arte popular Ge-

túlio Araújo, já falecido e que ficou impressionado ao ver uma casa na margem de uma rodovia toda coberta de pinturas de arte bruta com pássaros, florais, animais e peixes. Antes de alcançar a notoriedade, o sargento Epitácio faleceu e quase nenhum registro persistiu sobre sua arte e sua importância no contexto da arte popular.

A arte ingênua, naife, ínsita é um estilo mais bem elaborado que a arte bruta. Mais próximo do acade-

micismo, preserva seus cânones de arte popular: Desproporção entre as figuras são pintadas, a utilização de cores primárias e fortes, a falta de um terceiro plano – a profundidade – e a compulsão em preencher todos os espaços em branco dos quadros que pintam.

De qualquer forma, a pintura popular, principalmente a naife ainda comporta um subgrupo de artistas que não têm formação técnica (autodidatas) que são conscientes de sua criação e que se apropriam dos temas, das formas e das composições dos verdadeiros artistas populares.

NAVEGANTES Espaço Literário

Adriano Caldas
Organizador

DA VERDADE

Senhor, dá-me mais um verão
e eu continuarei a parte
que me cabe neste ofício.
Sei que um verão é pouco,
mas se assim peço
é para que possa erguer-me
das minhas fragilidades
e sob a sua luz
escrever teu nome;
pois tudo que faço recolho
do teu silêncio.
Se não respondes às minhas
perguntas e muitas vezes
retiras de mim o crepúsculo
e a rosa,
tento descrevê-los ou faço-os
com meu sangue.
Não vês que tudo o que sou
do mais sólido ao mais insustentável
é para louvar-te e para os teus
olhos infinitos se dirigem?
Senhor, tenho-o procurado
nos abismos se não te vejo,
é porque no outro lado
da parte que me coube
falta completar-me.
Se há silêncio, quando a morte
me procura, é porque dentro dela
desde o principio e só a ela
pertence a verdade inominável.

(Dorian Gray Caldas)

POEMA PARA EMILY

Viver e morrer pela beleza!
Ah! poeta que mistério sagrado!
Ser livre em seus próprios termos.
Fugir das convenções dos homens,
tão distantes da realidade do ser sensível.
Ser pássaro e abismo, voo de brisa leve
em meio ao caos de uma mente que pulsa e queima.
Sim, estamos mesmo presos entre jazigos,
entre a verdade e a beleza. somos irmãos de espírito.
Nosso corpo perece mas a alma é imortal,
e a sua transcende o tempo e invade os anos,
subvertendo através dos seus versos os preconceitos
trazendo um pouco de acolhimento
aos que ousam ainda hoje
ser e pensar com liberdade.
Que a beleza seja antes de tudo
nossa eterna verdade.

(Adriano Gray Caldas)

A RIMBAUD, O AMÁLGAMA

Houve morte de onde nasci
houve pranto onde estive incomunicável
houve silêncio onde estive impassível
e houve além Rimbaud. Ele é
e é a matéria e uma certa mulher
um certo bêbado e um certo metafísico
um certo santo e um certo dionisíaco.
Rimbaud, o teu limite de imagem
é a circunstância de te deparares
com o tempo vazio no retrato de Charleville.
Rimbaudiei-te, sonhos de remanso e sordidez
e me permaneci populoso na poesia.

(Sanderson Negreiros)

NO LUGAR DE UMA PRECE

Mulher-faca, onde fica sua morada
sua casa de seda e címbalos
construída antes do início dos mundos?
Quais bombas destruíram aquelas paredes
de silêncio e gozo quando éramos somente
alegria e luz, quando nenhuma dor nos atingia
e somente a beleza enamorada
derretia-se em gentileza sussurrando:
O que existe já havia existido.
O que existirá, também já existiu.

(Marize Castro)

APRENDIZAGENS

"Não há nada de novo debaixo do sol"
(Eclesiastes, 1,9)

Chego ao sol, meu pasmo é imenso!
Quero enfeitiçar o amanhecer.

Tranço cabelos, destranco roupas,
fico tramando proximidades.

Guardo nesgas da noite nos poros,
trago cartas, cristais, oráculos
e pulsares varados de vidência.

Não me seguro em pensamentos,
o mundo é coisa de sentir.

Abro janelas em mim, e portas,
mas conservo cortinas, transparências,
para reter os avisos do vento.

Todos os dias teço aprendizagens,
todos os dias renasço de assombro.
O sol é um deus que sabe doar-se

(Carmem Vasconcelos)

EM CASA SOZINHA

Em casa sozinha
para matar meu desejo
leio poesias
não beijo
Me masturbo
e me contorço
leio poesias
não ouço
a voz
onda da pele clara
que aflora
sobre meus ossos.
Em casa
entre coqueiros e arcos
ouço o desejo e passo
pelo fim do meu desejo
portas adentro atravesso
prendo sonhos entre paredes
minhas mãos prendem nos versos
os meus desejos inda verdes.

(Diva Cunha)

Se a esta hora o agora
se fez em você passivo,
é porque de algum modo
estou em você cativo.

Se a esta hora meu verso
é espelho e você me lê,
é porque de algum modo
estou vivo em você.

(João Andrade)

Um rio sobre a cabeça
a caminhante expõe um rio sobre a cabeça
num mar de barro
ambos se necessitam

ambos se esvaem
um dia foi água
outro será barro

sob o rio sua sede aumenta
esquálida afoga-se na aridez
do cônico pote

(Oreny Júnior)

O Pavão Misterioso no Festival Internacional de Arte Naif de Guarabira:

o RN premiado

Manoel Onofre Neto

Promotor de Justiça. Colecionador e Curador de Arte

O Festival Internacional de Arte Naif – o FIAN – de Guarabira/PB chega à 5a edição, e nela o centenário do cordel "Romance do Pavão Misterioso", de autoria do poeta guarabirense José Camelo de Melo Rezende, é homenageado. O tributo a uma das obras mais icônicas do cancioneiro popular nordestino vem como desafio aos artistas de estética naif, qual seja, representá-la pictoricamente.

Com enredo em que o amor e o heroísmo se impõem, Evangelista e Creusa ultrapassam dificuldades e limitações para se constituírem par romântico, graças ao protagonismo de um misterioso pavão que cruza longínquas paragens em um voo transoceânico.

É estreita e festejada a relação entre a arte naif e a literatura de cordel, ambas reconhecidas como genuínas expressões da nossa decantada brasilidade. Nelas espontaneidade, informalismo, originalidade e fantasia dão a tônica, assegurando imediata interação, na medida em que a comunicação é pronta e facilmente estabelecida, via de regra, em criações genuínas e despojadamente sofisticadas.

Ivanise - O Pavão em contemplação misteriosa - obra selecionada

D. Paixão - O pavão no voo do amor - Prêmio Reconhecimento

Gilvan Lopes - Princípio do encanto ou poeta do cordelista - obra selecionada

Nilson - O mistério de um pavão grego - obra selecionada

Carlos Gomes - Encanto do pavão misterioso - obra selecionada

Ivanise - O pavão e os mistérios da noite estrelada - Menção Honrosa

Assim, transbordando criatividade e imaginação, as obras que integram o FIAN 2023 dão cara ao pavão, seus mistérios, personagens e suas locações, além de acrescentarem uma vigorosa pitada de fantasia na festejada construção literária de José Camelo, convertendo-a em potentes e vigorosas poesias visuais, que encantam, capturam e renovam a força da arte e do artista naif e da literatura de cordel.

Dos 88 (oitenta e oito) artistas selecionados, 5 (cinco) são potiguares: Djalma Paixão, Ivanise Lima, Nilson dos Santos, Carlos Gomes e Gilvan Lopes. Dos quatros prêmios previstos pelo festival, um deles foi conferido ao potiguar Djalma Paixão – Prêmio Reconhecimento. Igualmente distinguida, Ivanise Lima recebeu menção honrosa pelo júri.

Percinaldo toscano, D. Paixão e Marcus Diogo, prefeito de Guarabira - entrega do Prêmio reconhecimento

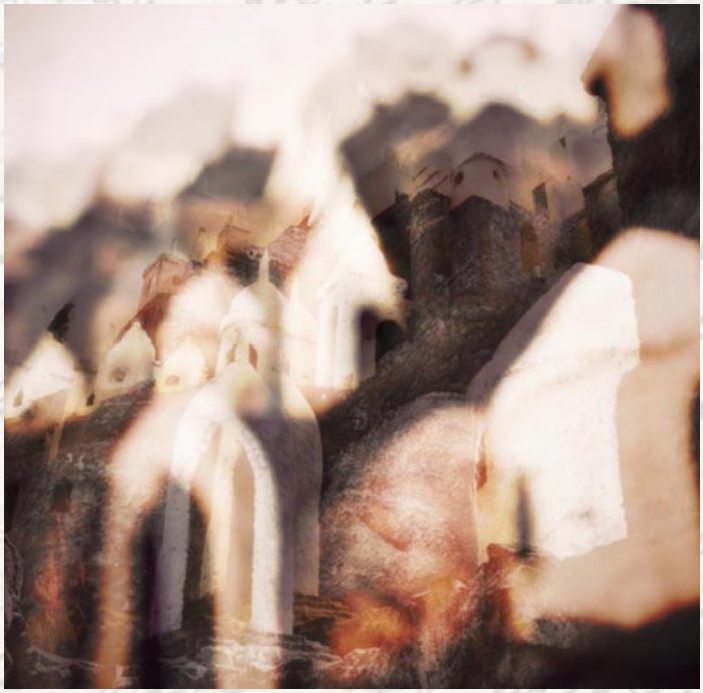
Com larga e festejada trajetória nas artes, D. Paixão foi premiado com a obra "O Pavão no voo do amor". Ivanise, por sua vez, obteve menção honrosa com o trabalho "O pavão e os mistérios da noite estrelada". Tais distinções reforçam o posicionamento privilegiado do Rio Grande do Norte no cenário da arte naif Brasileira.

Azol na FARGO 2023
a estética do sertão no centro-oeste

Por **Manoel Onofre Neto**[1]

A FARGO - Feira de Arte Goiás, a maior feira de negócios em arte do Centro-Oeste, chega à 5ª edição com o mesmo propósito de representar o segmento das artes visuais e fomentar a produção artística. Ocorrida no período de 24 e 28 de Maio, nas galerias do MAC GO, no Centro Cultural Oscar Niemeyer, recebeu um grupo de artistas, colecionadores, professores, diretores de instituições, arquitetos, designers, galeristas, curadores, jornalistas, influenciadores, estudantes e uma camada da sociedade interessada em colecionismo e cultura em geral.

A feria é produzida pela Arte Plena Produção em Cultura, empresa especializada em implantação e execução de projetos eminentemente culturais, principalmente em artes visuais, tendo como diretores, Wanessa Cruz e Sandro Tôrres.



Uma das preocupações da feira é que o evento mantenha suas características originais, inclusive o aspecto da acessibilidade e democratização das ações, voltadas para todos os públicos indistintamente. E também é pensada para contemplar a diversidade e oferecer um variado mix de atrações, como experiência social, transcendendo as artes visuais.

Do Rio Grande do Norte, o evento contou com a participação do Artista Azol, que expôs fotomontagens em que o sertão é a inspiração, muitas delas flertando com o "armorial" de Ariano Suassuna, tendo o Castelo de Zé dos Montes como pano de fundo.

Neste particular, o curador Marcus Lontra destaca que Azol reúne um conjunto de obras elegantes e precisas com as quais amplia o olhar regional para se afirmar numa linguagem sofisticada a revelar todos os sertões que permanecem em nossa mente e em nosso coração ". É o sertão e a arte de Azol, com dna potiguar, expandindo-se cada vez pelo Brasil.

[1]**MANOEL ONOFRE DE SOUZA NETO**
Colecionador e Curador de arte. Realiza estudos sobre História da Arte, Colecionismo, Museologia, Restauração e Mercado de Arte. Incentiva e divulga artistas visuais norte-rio-grandenses. É Promotor de Justiça da Infância e Juventude em Natal/RN. Exerceu, em dois mandatos, o Cargo de Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público Potiguar (2009-2013). É professor e autor de livros e artigos jurídicos e sobre arte.

WINE